



ARTE DE TRADUZIR
DE
LATIM PARA PORTUGUEZ,
REDUZIDA A PRINCIPIOS:

OFFERECIDA

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

D. FRANCISCO DE SALES E LENCASTRE,

POR

SEBASTIÃO JOSE' GUEDES E ALBUQUERQUE.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1818.

Com Licença.

PREFACIO.

SENDO o talento da falla susceptivel do gráo de perfeição, de que todos podem formar conceito pela differença sensivel do uso que do mesmo idioma fazem o homem sem estudos, e hum Orador eminente na sua profissão, não duvido que seja applaudido do público imparcial este meu trabalho, cujo objecto he inspirar aos meus Nacionaes aquelle bom gosto, que caracteriza todos quantos entre os modernos se distinguírão na carreira litteraria. Ensinar á mocidade o modo de copiar os Modêlos, que merecerão a approvação universal das Nações polidas desde o renascimento das Letras na Europa occidental, que á Grecia e á Roma antiga he deve-

dora do papel brilhante, que faz no mundo, he sem duvida empreza digna de todo o zelo d'hum bom patriota. Assim tivera eu a certeza de sahir bem della, como me satisfaz a pureza das intenções que me animão, e afianção o bom acolhimento, que sollicito aos amadores da nossa Lingua para melhoramento della por meio da Arte de traduzir a Latina. Confesso, que á honra da invenção não tenho titulo algum, e que a critica he hum genero d'esgrima em que sou bisonho; assim o meu movel não foi interesse proprio, e por isso espero da generosidade daquelles que ao mesmo zelo do bem publico ajuntão capacidade superior á minha, que, longe de criticarem os defeitos que acharem nesta obra, mera Rhapsodia de juizos authorisados por homens abalisados nas Bellas-Le-

tras, concorrão com as suas luzes, para que algum dia chegue áquella perfeição, de que faço idéa, sem lha poder dar. Para esse fim, eu os convido a unir os seus esforços aos meus para pormos em pratica hum meio, de que se lançou mão em varios paizes estrangeiros com summa vantagem das Linguas modernas. A nossa, creio eu, a nenhuma he inferior na abundancia dos termos; porém esta mesma abundancia torna necessaria a escolha, e neste particular, ou por limitado conhecimento em mim, ou por effeito de modestia mal entendida naquelles que transcendentemente a manejarão, não achei nem manuscrito, nem impresso Portuguez, que mostrasse e abreviasse, a beneficio da mocidade, os meios de os igualar. Persuadome com tudo, que cabe no pos-

sivel até excede-los, e nesta persuasão fui buscar a outra parte o que não achava em casa. Os Francezes offerecerão-me, além de todas as riquezas da Litteratura, que beberão na mesma fonte, a analogia entre duas Linguas filhas da mesma Mãi. Vali-me de seu trabalho, e conto por nada o meu. Fiquem escondidos os alicerçes, e levante-se o edificio.

ARTE DE TRADUZIR

DE

LATIM PARA PORTUGUEZ,

REDUZIDA A PRINCIPIOS

PARA O USO DA MOCIDADE QUE APRENDE O LATIM.

CAPITULO I.

Da Traducção em Geral.

Pergunta. QUE coisa he a Arte de traduzir?

Reposta. He a Arte de fazer passar d'huma lingua para outra os pensamentos d'hum Author.

P. As palavras *traducção* e *versão* significão a mesma coisa?

R. A traducção he para lingua moderna, e a versão para antiga. Assim a

Biblia Franceza de Sacy v. g. he huma traducção, e as Biblias Latinas, Gregas, Arabes, e Syriacas são versões.

P. Quantas são as sortes de traducções?

R. Ha quatro sortes de traducção: *traducção ao pé da letra, traducção propriamente dita, a paraphrase, e a imitação.*

P. Que he traduzir ao pé da letra?

R. He responder servilmente o traductor a cada expressão do Author por outra da sua Lingua; convém principiar sempre por esta especie de traducção. Ella serve de dar a cada termo o seu verdadeiro valor, facilita a intelligencia do sentido, em huma palavra, ella he a baze de todas as outras, mas convém tambem não parar nella.

P. Faça v. m. o favor d'aclarar isto com hum exemplo.

R. Horacio diz:

Nec verbum verbo curabis reddre fidus interpres.

Traduzir-se-hia ao pé da letra, se se dissesse: *et tu fidus interpres*, e tu fiel interprete, *non curabis*, não terás cuidado, *reddere* de dar a tua vez, *verbum* a palavra, verbo, pela palavra.

Eu diria d'outro modo: não vos af-

finqueis a traduzir o Author ao pê da letra.

P. A que chama v. m. traducção propriamente dita?

R. A todo o pensamento do original cabalmente expresso em outra Lingua; v. g. estas palavras: não ha, no meu parecer, maior desgraça que de nunca ter experimentado desgraça alguma, são a traducção exacta destas outras de Seneca. *Nihil mihi videtur infelicius eo cui nihil unquàm evenit adversi.*

P. Que he Paraphrase?

R. He huma traducção que amplia, e desenvolve os pensamentos do original, os aclara, e suppre as idéas intermedias, sem attender nem ao modo, nem á exactidão, nem se quer á ordem do Author.

P. Venha hum Exemplo.

R. Lê-se no Psalmo 36: *vidi impium superexaltatum et elevatum sicut cedros Libani, et transivi et ecce non erat, nec est inventus locus ejus*: aqui tem v. m. a paraphrase desta passagem.

Impium ego vidi pronus, quem Numinis instar
Orbis adorabat; Coeli inter Lucida, Cedro
AEmulus, audacem condebat sidera frontem;
Ipse videbatur jaculari fulmina nutu,
Et pede devictos hostes calcabat ovanti,
Transivi, en fuerat, locus est sublatus et ipse.

Eu vi o ímpio na sua gloria, e o mundo prostrado diante de seus altares lhe tributava as honras divinas; rival orgulhoso dos Cedros do Libano, levantava a cabeça até ao Ceo; parecia ter ao seu dispôr o raio, e ufano pizava com os pés os seus inimigos aterrados; dei mais hum passo, desappareceo, e até sumio-se o seu lugar.

P. Que coisa he imitação?

R. A imitação consiste ora em dizer cousas que trazem á lembrança huma passagem conhecida pela parecença que tem com ella, ora em fazer seu o pensamento d'hum Author pelo geito novo, que se lhe dá, quer amplificando, quer restringindo-o, ora em pintar os mesmos objectos, debaixo porém de imagens differentes, etc.

P. Tenha a bondade de produzir exemplos destas varias sortes d'imitação?

R. A minha imitação, diz Lafontaine, não he escravidão. Isto faz lembrar este dito d'Horacio: *ó imitatores servum pecus! Magno illi Alexandro, sed sobrio neque iracundo simillimus*, diz Velleio Paterculo, fallando de Cezar. Mr. de Fontenelle fez applicação deste Elogio a Carlos XII. Rei de Suecia. Em fim era Alexandre, se tivesse vicios, e melhor fortuna.

Horacio para dizer que a morte a ninguem poupa, exprime-se assim:

Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas regumque turres.

Acha-se a mesma coisa pintada por Malherbe, porém com feições differentes: o pobre na sua choupana, coberta de colmo, está debaixo do imperio da morte, e a sentinella que vigia na barreira do Throno, não livra della os nossos Reis.

P. Que conclue v. m. de tudo isso?

R. Que só merece de traducção o nome a que se chama traducção propriamente dita.

P. E porque?

R. Porque só ella reproduz genuinamente os pensamentos d'hum Author.

CAPITULO II.

P. QUe he preciso para traduzir bem?

R. Ser senhor d'ambas as Linguas.

P. Que quer dizer isso: ser senhor d'huma Lingua?

R. He conhecer-lhe as palavras com suas differentes significações, as regras com as excepções, os nomes com as Declinações, os verbos com as Conjugações, certas voltas que ella lhes sabe dar, as graças de que são susceptiveis; he saber o que ella prescreve, e o que tolera, o que ella exige sempre, e as licenças que ás vezes concede; sobre tudo he conhecer-lhe bem o genio.

P. Que entende v. m. pelo genio d'huma Lingua?

R. A ordem que segue nas suas construcções, quero dizer, na collocação das suas palavras.

P. Não seguem todas as Linguas a mesma ordem na enunciação dos pensamentos?

R. Não senhor.

P. Faça-me vêr isso com alguns exemplos.

R. Cicero intimando o respeito devido aos seus Deoses, diz assim: *Deos et venerari et colere debemus*; hum Francez diria: *nous devons, ou il faut respecter et honorer les Dieux*. Não tem outro modo de o dizer. *We must respect and worship the Gods*, diria hum Inglez, e o Portuguez dirá, como elles, devemos, ou convém respeitar, e honrar aos Deoses. No Latim o que apparece á frente he o caso,

ou objecto do verbo; nas Linguas modernas he o mesmo verbo.

Caso que eu queira exprimir em Latim o interesse que me inspira tudo quanto diz respeito ao bem dos outros homens, direi com Terencio: *homo sum, humani nihil a me alienum puto*: e em Portuguez he preciso que eu diga: sou homem, e nada ha na humanidade que me seja estranho. Huma só palavra Latina, *humani*, necessita de muitas da minha Lingua.

Mas aonde se vê principalmente a differença do genio das Linguas, he nos rifões, ou adagios. Eu diria, v. g. em Latim: *nodum in scirpo quaeris*: procuraes dúvidas aonde as não ha, diria eu em Portuguez, deixando de parte a locução proverbial. Tambem nós temos locuções que a Lingua Latina nunca conheceo. *Morrer por morrer, antes morra meu pai que he mais velho.* Near is my shirt, but nearer is my skin, diz o Inglez.

P. Porque não he a mesma a construcção da phrase Latina, e da phrase Portugueza?

R. Por duas razões principaes.

P. Qual he a primeira?

R. He esta, nós os Portuguezes temos muitos verbos auxiliares que he indispensavel collocar d'hum modo uniforme,

aliàs ou tirarião ao discurso a sua harmonia, ou o tornarião confuso.

P. A que chama v. m. verbos auxiliares?

R. Verbos auxiliares são aquelles que servem de conjugar certos tempos dos outros, como *ter*, *haver*, *ser*, e *estar*.

P. E os Latinos não tem verbos auxiliares?

R. 1.° Não são tantos; elles dizião, v. g. por huma só palavra *amavero*, eu terei amado.

2.° Podião variar a Collocação do verbo auxiliar. Entre elles era quasi indifferente dizer, v. g. fuerant amati, ou amati fuerant, quando nós havemos de dizer: *elles forão, ou tinhão sido amados.*

P. Qual he a segunda razão da differença que ha entre a nossa Construcção e a Latina?

R. A Lingua Portugueza não tendo casos, só o lugar que o nome occupa na phrase Portugueza he o que dá a conhecer o seu emprego. Por exemplo, em Latim se dizia igualmente bem: *Lupus occidit Canem*, e *Canem occidit lupus*, e em Portuguez não seria indifferente dizer: *o cão matou o lobo*, ou *o lobo matou o cão.* Hum nome Portuguez não sendo susceptivel de variação na sua terminação, se não quando do singular passa a plu-

tal, a sua Collocação só por si offereceria hum sentido contrario, ou quando menos huma amphibologia, se se não attendesse ao lugar que deve occupar, conforme o uso que delle se faz.

P. Que cousa he Amphibologia?

R. He Equivocação na phrase; se eu dissesse, v. g. *aiunt Pyrrhum Romanos vicisse*, haveria equivocação, porque seria impossivel saber quem *venceo*, se Pyrrho, se os Romanos, sendo esta phrase Latina susceptivel destes dois sentidos contrarios. Do mesmo modo admitte dois sentidos esta phrase Portugueza: Pedro pedio a Paulo que saudasse a sua irmã. E devemos confessar sinceramente que para a clareza falta alguma coisa nos principios de nosso idioma: pois por nenhum delles he reprovado este modo de fallar: *a batalha precedeo a fugida*: admittido huma vez o principio, que em Portuguez o objecto directo do verbo o póde preceder, fica cortado todo o recurso á clareza, menos o da mudança da activa para a passiva: o que suppõe coisa que a Lingua não tem; pois he impossivel dizer por huma só palavra Portugueza, qual he o verbo, o significado de hum verbo passivo. Isso tem ella de commum com a maior parte das Linguas modernas.

CAPITULO III.

Do Genio da Lingua Latina.

P. QUal he o Genio da Latina?
R. Seguir fielmente a ordem natural das coisas.
P. Que quer dizer isso?
R. Isso quer dizer que a Lingua Latina exprime as coisas na mesma ordem em que succedem realmente, na ordem em que occorrem ao espirito, e naquella em que as quereria explicar quem fallasse por gestos, por ser esta a ordem da natureza.
P. Faça v. m. o favor d'aclarar isso por alguns exemplos.
R. Supponho que hum mudo precisa pão; que faz elle? o seu primeiro gesto indicará aquillo de que precisa; só pelo segundo gesto he que indicará a si mesmo. Assim mesmo se dirá em Latim: *panem praebe mihi*. Se o mesmo mudo quizer dar a conhecer que convém rezar, começará por apontar para o Ceo, como sendo a Morada do objecto que con-

vêm invocar, e por fim juntará ambas as mãos. Por isso nesta phrase de Cicero, *Deos et venerari et colere debemus*, *Deos* he a primeira palavra, o primeiro objecto que se offerece.

P. E acha-se com effeito na natureza essa ordem que os Latinos seguião?

R. Sim, senhor. Olhai para hum homem agitado por huma paixão violenta; querendo elle exprimi-la, o objecto da mesma paixão será o primeiro que lhe ha de sahir da boca. Se teve medo, nomeará o que lho metteo. Hum cão mordeo huma criança na mão: lança-se toda a tremer nos braços de sua Mãi; esta lhe pergunta o que tem: que responde ella? hum cão... no dedo... elle me mordeo. Tal he a marcha da natureza; começa por exprimir o que faz mais impressão. Do mesmo modo procede o Latim.

P. E he esta a ordem que o Latim segue sempre?

R. Aparta-se della, mas poucas vezes. Os Latinos collocavão ordinariamente as palavras conforme o grão de importancia dos objectos que exprimião, salvo o caso de prescrever a harmonia da oração, ordem differente. (*)

(*) O que sobresahia a tudo no pensamento,

P. Que infere d'alli?

R. Que na traducção do Latim são muito attendiveis as palavras por onde principião as phrases; alli he que se mostra quasi sempre o que ha melhor em toda a oração.

P. Mas admira-me v. m. procurar a ordem natural na natureza imperfeita, como se mostra em hum mudo, ou n'huma criança, quando o commum dos homens a possue na sua perfeição, e ainda muito mais na paixão, que he desordem, cuja linguagem sacode o jugo das regras da Grammatica, do mesmo modo que o homem apaixonado desattende as leis dos deveres sociaes; pois não he da observação da ordem, em tudo, que resulta a bella natureza, cuja imitação he o objecto das Artes Liberaes? Parecia-me, salva a sua opinião, mais acertado busca-la alli.

R. Não he esta a occasião de entrar em discussão polemica; eu offereço hum guia; quem desconfiar delle, tome outro.

---

o que tinha mais força, era o que os Latinos punhão á frente nos seus discursos, isto mesmo era o mais apparente no painel. Mr. Pluche.

Mechanique des Langues.

CAPITULO IV.

Do Genio da lingua Portugueza.

P. QUal he o genio da Lingua Portugueza?

R. Seguir fielmente a ordem grammatical.

P. Que entende v. m. por ordem grammatical?

R. A que pede que se ponhão as palavras que regem primeiro que as palavras por ellas regidas, aquellas que suppõem outras, depois das de que dependem, etc. como v. g. que se ponha logo o verbo, e então o seu objecto, o nominativo antes do verbo, o adjectivo ao pé do seu substantivo, etc. Assim disse Mr. de Voltaire: *o verdadeiro valor consiste em saber soffrer.*

P. O Latim não seguiria a mesma ordem na expressão d'esse pensamento?

R. Não, senhor. Assim diz Tito Livio exprimindo hum pensamento bem semelhante: *et facere et pati fortia Romanum est*, pondo á testa da phrase a pala-

vra que designa *soffrimentos*, como objecto principal e mais notavel, ao mesmo passo que seguindo a ordem grammatical, elle diria: Romanum est et facere et pati fortia, ò caracter de hum Romano he fazer, e soffrer cousas grandes.

P. A ordem grammatical não he pois a ordem da natureza?

R. Não, senhor.

P. Porque?

R. Deixemos de parte as razões; hum exemplo aclarará mais a coisa. Pégo nesta narração: hum dia Domiciano disparou o seu arco com tal destreza, que fez passar as suas settas por entre os dedos d'hum escravo posto a certa distancia sem lhe fazer mal. Eis-ahi a ordem grammatical bem observada.

P. Que póde a natureza mudar nella?

R. Quasi tudo; com effeito que era preciso para elle o executar?

1.° Escolher hum escravo.

2.° Po-lo a huma certa distancia.

3.° Fazer com que apresentasse a mão aberta com os dedos apartados huns dos outros.

4.° Arremeçar as settas.

5.° Finalmente não lhe fazer mal algum.

Alli tem v. m. a ordem da nature-

za; esta he a que o Portuguez devia seguir para se conformar com a natureza, e he justamente a que se vê nesta passagem de Suetonio.

1.º »In pueri,

2.º »Procul stantis,

3.º »Praebentisque, pro scopulo, dis-
»pansam dextrae manûs palmam,

4.º »Sagittas tantâ arte direxit,

5.º »Ut omnes per intervalla digitto-
»rum innocuè è evaderent.

P. E deve a Lingua Portugueza chegar-se a esta ordem natural?

R. Sim, senhor, todas as vezes que puder ser sem offender a ordem grammatical, que parece, constitue o genio della. Huma inversão violenta neste particular seria *latinismo*, e hum erro contra a lingua.

CAPITULO V.

Das Inversões.

P. A Que chama v. m. inversão, e latinismo?

R. Inversão he huma construcção a que senão dobra a lingua por effeito da ordem que ella segue. Affastar-se no Por-

tuguez da ordem grammatical, he fazer inversão. Chegar-se demasiadamente á ordem que a Lingua Latina segue, he *latinismo*. Do mesmo modo, affastar-se muito da ordem natural no Latim he inversão, e seguir a ordem propria do Portuguez he *lusitanismo*.

P. Dê v. m. algum exemplo do que acaba de dizer.

R. Se eu traduzisse esta passagem de Cicero: »Velle quod non decet, id ipsum »miserrimum est;» por estas palavras: *propor-se a fazer huma coisa illicita, he por si muito máo*, eu faria hum latinismo.

P. Porque?

R. Porque nisto eu seguiria a construcção Latina, com prejuizo da Portugueza.

P. Como se devia pois traduzir?

R. *Bem desgraçado he quem forma projectos de maldade*. A segunda traducção he mais analoga ao genio da Lingua Portugueza.

P. Nunca se podem fazer inversões?

R. Sim, senhor; podem-se fazer algumas vezes.

P. Em que occasião?

R. Quando assim o pede a harmonia, ou a força, ou a clareza, ou a elegancia, e mesmo nesso caso devem chegarse, quanto poder ser, á ordem que a lingua segue.

P. Faça vêr isso por alguns exemplos.

R. Mr. Bossuet diz na Oração fúnebre de Mr. Le Tellier: saiba a posteridade, se o nome de tão grande ministro lhe transmittir esta Oração, etc. apezar da ordem da Lingua pedir: *que a posteridade saiba*. Tolera-se esta inversão por amor da força que dá a phrase.

Nemo fit repentè summus,

Este pensamento d'hum antigo foi assim traduzido por Mr. Racine.

Assim como a virtude, o vicio tem sua gradação. Aqui a transposição dá mais graça ao verso.

Nota. A transposição he d'hum uso muito frequente em Portuguez. O infinito pessoal, que parece implicar nos termos, lhe communica grande facilidade de começar, e acabar a phrase á vontade de quem o sabe manejar.

P. Inversão, e transposição he o mesmo?

R. Não, senhor. Tem alguma differença, a transposição entende-se das palavras, e a inversão da volta que se dá á phrase. A transposição não passa de tirar de seu lugar certas palavras, que não são absolutamente necessarias á con-

strucção da phrase ; a inversão he o transtorno da mesma phrase.

P. Como poderei eu conhecer se convém, ou não fazer inversões?

R. O ouvido só he o que decide o ponto; em materia de estilo he juiz superior.

P. Haverá algum meio de aperfeiçoar esse orgão pelo que diz respeito á harmonia do discurso?

R. Consegue-se isto lendo em voz alta livros bem compostos, e lendo-os conforme a pontuação.

P. Que he isto, lêr conforme a pontuação?

R. He lêr parando hum pouco na virgula, mais hum pouco nos dois pontos, e fazendo pausa no ponto; he dar a conhecer, por certo tom de voz, a interrogação, a exclamação, a suspensão, etc.

CAPITULO VI.

Das qualidades d'huma boa traducção.

P. QUe qualidades deve ter huma boa traducção?

R. Sobre tudo duas.

P. Quaes são?

R. Deve ser exacta, e agradavel.

P. Quando será ella exacta?

R. Será exacta, se for a fiel expressão do pensamento do Author.

P. Quando será ella agradavel?

R. Será agradavel, se der gosto a hum leitor capaz.

P. Qual he a mais essencial dessas duas qualidades?

R. Ambas são igualmente importantes; o ponto he saber sacrificar huma á outra na occasião.

P. Quaes são as occasiões em que se deve sacrificar a primeira á segunda?

R. Quando assim o pede a clareza, ou a harmonia.

P. Queira v. m. explicar isso com alguma miudeza.

R. O meu dizer he, que, se traduzindo exactamente v. m. não apresenta hum texto com sentido claro, e facil de perceber; ou, se a traducção, por muito fiel for frouxa, e parecer arrastar-se, então he o caso de tirar alguma coisa á exactidão para o dar á elegancia, e graça.

P. Dê-me hum exemplo, em que a clareza peça que me aparte da exactidão.

R. Plinio, o moço, escrevendo a Pro-

culo, lhe diz, que as obras deste lidas por elle, lhe parecêrão muito bellas; mas talvez, acrescenta elle, a vossa pronuncia me enganaria; pois vós lêdes com hum tom muito capaz de enganar. E continúa assim:

„Confido tamen me non sic auribus duci, ut omnes aculei judicii mei illarum delinimentis refringantur; hebetantur fortasse et paululùm retunduntur; revelli quidem extorquerique non possunt.„

Aqui tem v. m. a passagem traduzida com toda a exactidão.

„Tenho ao menos a confiança que „ninguem se senhorea de meus ouvidos „a tal ponto que, pelo que os teria li„sonjeado, meu juizo venha a ser tão „pouco penetrante como se se lhe tives„sem, por assim dizer, quebrado todas „as pontas. Póde ser que as embotem, „e lhes voltem alguma coisa o fio; mas „de certo, de modo nenhum as podem „arrancar.

„Quem não conhecesse o texto de „Plinio senão por este Portuguez, esta„ria reduzido a àdevinhar o que elle „quiz dizer. Eis-aqui a mesma passa„gem traduzida por outra mão que sa„crificou alguma coisa da exactidão á „clareza.

„Mas tal he o bom conceito que fa-
„ço de mim mesmo, que me capacito
„que o encanto da harmonia não chega
„a me transtornar o juizo. Póde sim sur-
„prende-lo, mas não corrompe-lo, ou
„altera-lo."

P. Que entende v. m. por harmonia do estilo?

R. Hum certo arranjo nas palavras que agrada muito ao ouvido.

P. Faça o favor d'hum exemplo em que a exactidão deva ceder á harmonia.

R, „Adest vir summâ auctoritate et fide Lucullus, qui ait se non opinari, sed scire, non audivisse, sed vidisse; non affuisse, sed egisse."

Traduzindo exactamente direis: Aqui está hum Cidadão fidedigno, Lucullo, que diz, não que pensa, mas que sabe; não que ouvio dizer, mas que vio, não que elle estava presente, mas que elle fez.

He escusado dizer o que tem de frouxa, dura e arrastada esta traducção por ser muito exacta. Aparte-se hum pouco d'esta exactidão, e dirá com outra vivacidade e harmonia:

Eis-aqui Lucullo, este Cidadão respeitavel, e digno de todo o credito, que não diz: creio, ouvi dizer, estava presente; mas sim eu sei, eu vi, quem o fez fui eu.

P. Quando deve a exactidão prevalecer á belleza na traducção?

R. Todas as vezes que nada perde quanto á clareza, ou harmonia.

P. Que conclue v. m. do que acaba de dizer?

R. Que toda a arte do traductor consiste em reunir a exactidão, e a belleza.

CAPITULO VII.

Das regras geraes da Arte de traduzir.

P. QUanto a traduzir, qual he a primeira regra?

R. He de fazer fallar hum Author como elle fallaria, se compuzesse na Lingua do traductor.

P. Como poderei eu conseguir isso?

R. Entrando bem no pensamento do Author, e exprimindo-o conforme o genio da vossa Lingua.

Secção I.

Conhecer bem o valor de cada termo.

P. Como conseguirei eu entrar no pensamento do Author?

R. Por meio d'huma noção clara, e exacta de cada hum dos termos que servem para o exprimir.

P. Quem me dará essa noção?

R. Adquirir-se-ha primeiramente estudando a significação propria de cada termo por meio do Diccionario. E então chegando-os huns aos outros por meio da construcção, para lhes fixar o valor reciproco, e a accepção particular. Ha ainda outro meio bem facil de adquirir este conhecimento das palavras Latinas; he decorar tres ou quatro cada dia pela manhã, e outras tantas á noite. Eis-aqui como se póde fazer isso: pela manhã decorão-se quatro palavras Latinas com seu significado em Portuguez; á noite decorão-se outras quatro, e recitando-as, se repetem as quatro decoradas pela manhã. Quem seguir este methodo por algum tempo, terá brevemente na memoria hum sem número de

expressões Latinas, o que serve maravilhosamente para entrever logo o sentido d'huma phrase, que se trata de traduzir.

P. Se a mesma palavra tiver varios significados, como saberei eu qual he o que se ha de escolher?

R. Pelo contexto da Oração: Essa he huma das razões porque digo que se deve fazer a construcção, para que, chegadas assim as palavras humas ás outras, se lhes possa perceber bem o significado mais conveniente ao texto que se traduz.

P. Dai-me hum exemplo disso.

R. Supponho que se lê no Latim, *acies ingenii*, ou *acies oculorum*. Se eu procurar *acies* no Diccionnario, acharei, *córte, gume, a ponta d'hum instrumento de ferro, etc. exercito*, peleja, etc. Se eu não tiver outra coisa em vista senão traduzir a palavra, sem se me dar d'aquella outra com que vai junta, não saberei qual he o significado que se deve escolher; porém se pela construcção eu puz ao pé de *acies* as palavras *ingenii* ou *oculorum*, que lhe estão annexas, decidir-me-hei logo. Logo verei que não póde ter ahi a significação de *peleja*, refrega, etc. Tambem verei, que não se trata do córte d'huma navalha, da ponta d'huma

espada, etc.; mas sabendo que *acies* na significação primitiva he coisa de furar, de cortar, coisa delgada, etc. e vendo-o junto ás palavras *ingenii* ou *oculorum*, eu traduzirei: a ponta, a força, a agudeza do espirito, a bondade dos olhos, a agudeza da vista, etc.

P. Depois de eu percebér bem o valor de cada palavra, que devo fazer?

R. Fazei por formar conceito limpo, e claro d'aquillo que exprimem, tornando a lêr varias vezes a phrase, e comparando bem todas as palavras com o sentido, que ao vosso parecer offerecem. O sentido bem percebido será facil de exprimir em Portuguez.

Verbaque provisam rem non invita sequentur.
Horac. Art. Poet.

P. Que se segue do que acabais de dizer?

R. Que para bem traduzir, a primeira coisa necessaria he inteirar-se no sentido do Author; o que se consegue primeiramente tomando o significado de cada palavra em particular, e fazendo então a construcção da phrase.

Secção II.

Fazer a Construcção. (*)

P. Que coisa he fazer a construcção de huma phrase?

R. He arruma-la conforme a ordem grammatical; he pôr o adjectivo ao pé do substantivo, ao qual elle se refere, o caso depois do verbo que o rege; em huma palavra, he collocar as partes da phrase conforme regem, ou são regidas, etc.

P. Que se ha de fazer para isso?

R. Não ha mais que fazer para isso senão achar logo o verbo principal, e mais importante, não por sua significação, mas pela relação que tem com o resto da phrase; pois em todas as phrases Latinas ha hum verbo que parece capitanear, e puxar pelas outras palavras todas, bem como n'hum relogio ha huma móla real, ou roda, cujo movimento se communica a todas as mais.

(*) Vejão-se os Elementos da Lingua Latina impressos em Lisboa em 1816.

P. Tem este verbo principal algum signal por onde se conheça?

R. Sempre será aquelle que não for regido, ou puxado por outro.

P. Tomára eu vêr alguma passagem traduzida conforme esses principios.

R. Offerece-me o acaso esta narração de Cicero: »Spurio Carvilio graviter »claudicanti ex vulnere ob rempubli- »cam accepto, et ob eam causam vere- »cundanti in publicum prodire, mater »dixit: quin prodis, mi Spuri, ut quo- »tiescumque gradum facies, toties tibi »tuarum virtutum veniat in mentem? »

P. Por onde começareis vós.

R. Para que o cumprimento da phrase não produza confusão nas minhas idéas, começo por examinar se a posso cortar. Os dois pontos que vejo depois de *dixit*, se bem que não indicão hum sentido perfeito, mostrão com tudo hum sentido assás suspenso para eu poder parar alli. Leio pois, e torno a lêr varias vezes desde a primeira palavra *Spurio*, até *dixit*. O meu Diccionnario me dá a conhecer os significados que eu não sabia, tenho já hum vislumbre do sentido, e para me inteirar nelle faço a construcção.

P. Que verbo poreis vós em primeiro lugar?

R. Não hei de pôr *prodire*; porque hum infinito, menos que faça as vezes d'hum nome, suppõe outro verbo que lhe assignou aquelle lugar, nem *accepto*, nem *claudicanti*, nem *verecundanti*; porque todo o participio que vem a ser adjectivo, pede necessariamente coisa que o reja. Não ha lá pois senão *dixit*, que possa ser o verbo que se procura. Todo o verbo pede antes de si na ordem grammatical o seu nominativo; *mater* apresenta-se logo alli; tenho pois *mater dixit*; dizer suppõe a coisa que se diz, e a pessoa a quem se diz. Eu bem vejo que a falla da Mãi está na outra parte da phrase.

P. Como vedes vós isso?

R. Em primeiro lugar, por não haver accusativo algum que possa ser regido por *dixit*. Em segundo lugar, pela mesma posição da segunda parte da phrase, *quin prodis*, etc. que segue immediatamente.

Não se precisa pois mais nada para continuar o encadeamento que principiei, se não pôr o nome da pessoa a quem se diz, *Spurio Carvilio*. *Claudicanti* he hum participio adjectivo, que se deve arrumar ao seu substantivo. *Graviter* he hum adverbio, e os adverbios devem unir-se ao verbo, ou ao adjectivo que

modificão. Não ha já difficuldade alguma. A proposição *ex*, o caso que ella pede, *vulnere*, o adjectivo que se refere a este substantivo, *accepto, ob*, preposição, *Rempublicam*, caso da preposição, *et*, conjuncção que une entre si os membros da phrase, *ob* preposição que pede hum caso, *eam causam*; *verecundanti*, participio adjectivo que se refere a *Spurio*.

P. Não poderia eu enganar-me aqui, e unir *verecundanti* a *vulnere*.

R. Não, senhor; Além de que não estão no mesmo caso, a significação da palavra lhe assigna o seu lugar. Lembre-se que a significação, e a construcção das palavras são duas coisas que ajudão huma á outra, e que são companheiras inseparaveis. *Verecundanti*, tendo vergonha, não póde convir a *vulnere* ferida. *Verecundanti* dá idéa d'huma acção que custa a fazer; alli tendes á mão *prodire* que segue immediatamente. Não resta já senão *in publicum*, cujo lugar fica por isso mesmo determinado.

P. Porque puzestes vós *verecundanti* tão longe de *spurio*, já que se lhe refere?

P. Porque o encadeamento das palavras não deo lugar a chama-lo mais cedo. Não he necessario que o adjectivo esteja sempre ao pé de seu substantivo, mas sim chegado a elle quanto mais pu-

der ser. *Claudicanti* puxava por *ex vulnere*, etc. e *ob eam causam* pedia naturalmente *verecundanti.*

P. Depois da construcção assim feita, que fazeis vós?

R. Eu estudo as palavras nesta mesma ordem, e então he-me muito facil perceber-lhes o sentido. Vejo v. g. aqui que se trata *d'huma Mãi fallando a hum de seus filhos, que tinha vergonha de apparecer ao povo por elle ter recebido huma ferida que o tornava coxo.* Procuro então expressões Portuguezas que possão servir para contar bem esta passagem; v. g. hum golpe que Spurio recebêra em huma batalha, o tinha tornado coxo de fórma que tinha seu receio de apparecer em público: a sua Mãi lhe disse, etc. Depois disso farei a diligencia de traduzir igualmente o mais.

P. Porque começais a construcção por procurar o verbo principal, e não o seu nominativo?

R. Porque na mesma phrase ha muitas vezes varios nominativos, e então não he facil distinguir aquelle que se ha de pôr em primeiro lugar, quando he sempre facil achar o primeiro verbo: de mais, isso não offerece difficuldade alguma. Achado que seja o verbo, nada custa pôr antes d'elle o seu nominativo,

P. Mas se houver em huma phrase varios verbos de que cada qual pareça ser o verbo principal, qual delles se escolherá para começar a phrase?

R. Não havendo mais de dois verbos, hum no subjunctivo, e o outro no infinito, o do subjunctivo será o primeiro; se houver verbo no indicativo, este passará antes de todos.

P. Porque?

R. Porque hum verbo nunca se põe no infinito senão como nominativo, ou como caso d'outro verbo; porque hum verbo nunca se põe no subjunctivo senão por amor d'huma conjuncção clara, ou occulta, v. g. *ut*, *si*, etc. ou d'outra especie de palavra posta entre dois verbos. Ora, salvo o caso do infinito servir de nominativo, as conjuncções, e outras especies de palavras entre dois verbos presuppõem coisa de que dependem, e que devem seguir na ordem grammatical. Eis-ahi a razão porque na construcção d'huma phrase deve-se consultar o presente do indicativo com preferencia ao preterito, futuro, etc. pois estes tempos quasi sempre suppõem coisa que precede, e o presente nunca.

P. E havendo na mesma phrase muitos verbos no presente, como se ha de escolher?

R. Nesses casos ha sempre algum desses verbos que tem por nominativo o relativo *qui*, *quae*, *quod*, ou outro qualquer pronome, e esse deve ser o segundo; porque seu nominativo suppõe hum substantivo, ao qual elle se refere.

P. Porém senão houver senão hum verbo, e que esteja no subjunctivo?

R. Então chamarei logo a este verbo, pondo-lhe adiante a conjuncção clara, ou outra especie de palavra que o pede no subjunctivo.

P. Póde-se tomar o que dizeis, na sua generalidade?

R. Sim; póde-se fazer excepção d'alguns verbos que parecem superfluos, como: *ait*, *inquit*, e mais alguns que logo se conhecem, e tambem do ablativo absoluto, que, pelo que toca á intelligencia do sentido, he quasi sempre indifferente pôr no principio, ou no fim da phrase.

P. Faça v. m. o favor de construir mais alguma phrase pelo mesmo methodo.

R. Seja esta. *Optimus orator est; qui dicendo animos auditorum et docet et delectat et permovet.* Na construcção desta phrase nenhum dos tres ultimos verbos será chamado em primeiro lugar.

P. Porque?

R. Porque elles tem por nominativo hum relativo que depende d'hum substantivo anterior.

P. Primeiro que passeis a outra coisa, será verdade que hum relativo suppõe sempre antes de si hum substantivo?

R. He verdade, mas este substantivo está ás vezes occulto. Por exemplo, *qui modum igitur vitio quaerit*, etc. fica occulto *homo*, ou *ille homo qui*, etc.

P. Adiante com a construcção que começastes.

R. Eu porei pois *est* em primeiro lugar, porque nem o verbo, nem o seu nominativo de nada depende: *orator est*: o adjectivo arruma-se ao seu substantivo, *optimus orator est*, *orator optimus est*: o relativo quer chegar-se ao seu antecedente, *orator optimus est qui*, o nominativo chama o seu verbo, *optimus orator est qui et docet, et permovet et delectat*. Ponho estes tres verbos em fileira, porque a conjuncção *et* he signal de sua dependencia reciproca; o caso segue o verbo, *animos*: a palavra *audientium* depende de *animos*, ponho-a depois: não me fica já senão *dicendo*, que talvez figuraria melhor depois de *qui*; mas apezar delle não vir senão em ultimo lugar, nenhuma confusão póde fazer no sentido

da phrase. *Dicendo* convém só ao orador, e não aos ouvintes.

CAPITULO VIII.

Das regras particulares da Arte de Traduzir.

P. QUaes são as regras de que pertendeis fallar?

R. Destas ha tres sortes: humas são relativas á certos geitos que a phrase póde tomar, e ás figuras; as outras á ordem, e ás differentes partes da phrase, finalmente as terceiras, ás expressões, e aos modos de fallar.

SECÇÃO I.

ARTIGO I.

Regras da Traducção quanto ás voltas.

P. A Que chamais vós volta?

R. Chamo volta áquelle arranjo, áquel-

la ordem que dão ás palavras para assim compôr phrases.

P. Volta, e construcção são pois o mesmo.

R. Não: a construcção diz respeito á Grammatica, e volta, á harmonia. A construcção faz phrases exactas; a volta as faz agradaveis.

P. Qual he a primeira regra de traducção relativamente ás voltas?

R. He deixa-las como se achão no original, se ambas as Linguas as admittem igualmente.

P. Porque?

R. Não ha coisa mais clara: huma traducção he huma cópia. Logo, quanto mais se chegar ao original, mais perfeita será. Estas palavras, v. g. *he deleitavel, he glorioso morrer pela patria*, traduzem melhor a passagem de Horacio, *dulce et decorum est pro patriâ mori*, do que estas outras: a morte que huma pessoa soffre pela patria he misturada de deleite, e gloria. Haverá por ventura melhor modo, por mais exquisito que seja, d'exprimir o que Quinto Curcio faz dizer a Alexandre: *Ego me metior non aetatis spatio sed gloriae, non meos annos sed victorias numero*, do que dizer como no Latim: não meço eu a minha vida pela duração do tempo, mas sim pela

duração da gloria, não conto os meus annos, conto as minhas victorias?

Ha ainda outra razão para assim fazer quando se traduz de Latim.

P. Qual he ella.

R. Temos dito que a marcha do Latim era a da natureza; logo quanto mais se lhe chegarem as outras Linguas, melhor. Para pintar a natureza he que forão instituidas.

P. Quando o Portuguez não admitte a volta que aformozea o Latim, que se ha de fazer?

R. Procurar outra volta a mais parecida que puder ser.

P. Dai-me hum exemplo disto.

R. *Ut quisque est vir optimus, ità difficillimè esse alios improbos suspicatur.* Não posso conservar a volta que Cicero deo a esta passagem, dizendo: na mesma proporção que cada hum he homem honrado, mais lhe custa suspeitar os outros de serem máos.

P. Pois não he phrase Portugueza essa?

R. Duvido, e além disso não tôa bem. Eu antes diria: quanto mais honrados são os homens, tanto menos capazes são de suspeitar o contrario nos outros; se bem que os Portuguezes fogem destes modos de fallar, sem dobrarem a sua

Lingua a estas voltas, ou offerecerem o recurso d'outras equivalentes.

P. Se a minha Lingua não fornecer volta alguma analoga á que tenho para traduzir, que hei de fazer?

R. Procurareis huma que d'algum modo seja a compensação daquella que perdeis.

P. Tornai-me isto sensivel por hum exemplo.

R. Mr. Flechier na Oração fúnebre de Mr. de Turenne, traduzio esta bella sentença de Cicero: *neque potest is exercitum continere imperator, qui se ipsum non continet.* Impossibilitado de conservar ao mesmo tempo a energia, e a volta da passagem, que faz elle? Compensa a energia do Latim pela vivacidade do Francez que lhe substitue: *quelle discipline peut établir dans son camp, celui qui ne peut régler sa conduite?* Que disciplina póde estabelecer no seu arraial quem não póde regrar a sua vida?

P. Dai-me ainda alguns exemplos desses equivalentes, mas que se approximem da volta do Latim.

R. Com muito gosto: 1.° tem muita graça no Latim acabarem do mesmo modo muitas phrases, ou varios membros d'huma phrase: a uniformidade no principio dellas produz o mesmo effeito no

Portuguez. Bellum extremo hieme *apparavit*, ineunte vere *suscepit*, mediâ aestate *confecit*.

Os nossos verdadeiros prazeres consistem no livre gozo de nós mesmos, nossos verdadeiros bens são os da natureza, he o Ceo, he a terra; são estas campinas, estas planicies, estes bosques, etc.

2.º Os Latinos gostão de pôr antes do verbo muitos casos regidos. Esta collocação agrada ao ouvido, e captiva a attenção. As Linguas modernas multiplicão antes do verbo os nominativos, ou as palavras que regem, com igual vantagem, por ser a suspensão a mesma nos seus effeitos. Cicero principia assim a terceira Catilinaria:

Rempublicam, Quirites, vitamque omnium vestrum, bona, fortunas, conjuges, liberosque vestros, atque hoc domicilium clarissimi imperii fortunatissimam, pulcherrimamque urbem, hodierno die... vobis conservatam ac restitutam videtis.

Mr. Flechier falla assim. Huma perfeita docilidade de espirito, e de coração, hum desejo sincero de sua perfeição, e de sua salvação, huma intenção geral de obedecer, e de agradar a Deos; tal era o fundo de sua alma.

P. Eu desejaria que me traduzisseis as passagens Latinas que citais, confor-

me a volta Portugueza que lhes quereis assemelhar.

R. Estou por isso: póde-se traduzir deste modo o texto de Cicero: a vossa patria, a vossa vida, os vossos bens, vossas mulheres, vossos filhos, esta nobre e afortunada Cidade, Corte de tão florente imperio, tudo isto, Romanos, vos he hoje conservado, e restituido.

3.° Os Latinos collocavão elegantemente no principio de suas phrases preposições, conjuncções, etc. que tornavão o seu estilo muito harmonioso. Como a primeira qualidade das Linguas que hoje fallão na Europa póvos vindos do Norte seja a clareza, e a facilidade da enunciação, herança de seus pais, desterrão-se commummente do discurso moderno todas essas preposições, e conjuncções que causarião confusão, ou embaraço. *quòusque tandem* abutere, Catilina, patientiâ nostrâ? *quandiù etiam* furor iste tuus nos eludet? Até quando abusarás tu, Catilina, de nossa paciencia? Estamos nós ainda para muito tempo feitos ludibrio de teu furor? Etenim quid est quod jam amplius expectes? Que mais pódes tu esperar. *Ac ne* illud *quidem* verè dici potest, etc. Nem ha pretexto, etc. *Neque enim* te fugit laudatarum artium omnium procreatricem quamdam et

quasi parentem; etc. Vós sabeis que a Philosophia he de todas as Sciencias a que se considera como Mãi, e fonte das outras, etc.

4.° Os Latinos usão muito da voz passiva, cujas longas terminações acabão a phrase com muita dignidade. Os Modernos preferem a activa; agradalhes mais por precisar menos de verbos auxiliares, e por dar ao estilo hum ar desembaraçado. Non erunt homines deliciis affluentes *audiendi*; não se dará pois crédito ao dizer desses Ricaços sensuaes. Neque enim verendum est... ne plus aequo quid in amicitiam *congeratur*. Quanto aos deveres da amizade, longe de nós o recear excesso. Sic terram *intuebantur*... ut non jam ab aliis indicari, sed indicare se ipsi *viderentur*. Abaixavão tanto os olhos... que se diria que estavão lá não para serem convencidos por outros, mas para accusarem a si mesmos.

5.° Para exprimir huma coisa passada, e anterior a outra, tambem ha muito tempo passada, usa-se em Latim ou do mais-que-perfeito do subjunctivo, ou do preterito do indicativo com huma conjuncção, huma preposição, etc. o Portuguez se serve do infinito, ou d'huma phrase faz duas.

P. Para que se faz assim?

R. Para se desembaraçar d'algumas particulas, d'alguns pronomes, d'alguns verbos auxiliares; porque tudo isso retarda a marcha da Lingua, e lhe tira aquelle ar livre que à caracteriza. Quem ut *vidisset* et *salutavisset*, etc. depois de o vêr, e cortejar, quem *ut vidi*, equidem vim lacrymarum profudi; eu o vi, e logo derramei huma torrente de lagrimas. Socrates, cùm esset ex eo quaesitum, etc. perguntava-se a Socrates, se, etc.

6.º He assás ordinario entre os Latinos designar o futuro condicional pela conjuncção *si*; seria huma elegancia em Portuguez substituir-lhe a interrogação. Igitur altè spectare *si voles*, atque hanc sedem et aeternam domum contueri; encaminhais vós os olhos, os vossos desejos para aquella morada eterna? *Virtus*, diz Seneca, est unum hominis bonum, quod qui habet, etiam *si* aliis *destituitur*, laudandus est. A virtude he o unico bem do homem, ella só, quando não tivesse mais nenhum, o torna estimavel.

Acabo com este artigo; o que tenho em vista, não he dizer tudo, mas sómente indicar os principios geraes; o resto se supprirá lendo com toda a attenção algumas traducções bem feitas.

Artigo II.

Regras da Traducção relativamente ás figuras.

P. A que chamão figuras?

R. A certas voltas affastadas da arrumação ordinaria que servem de aformosear a phrase.

P. Nas traducções qual he a regra relativamente ás figuras?

R. De não lhes fazer alteração alguma sem absoluta necessidade. Huma exclamação deve-se traduzir por outra exclamação, huma suspensão por outra suspensão.

P. Porque?

R. As figuras fazem na oração o que fazem n'hum painel; quem as alterasse copiando-as do painel, não seria copista; o mesmo succede aqui; quem não conservasse as figuras originaes não seria traductor. Lembrai-vos do que eu disse acima: huma traducção he huma cópia que deve representar o original tal qual elle he.

P. Qual he o caso da necessidade absoluta de que fallaveis?

R. He quando, por querer conservar as figuras do original o traductor offenderia os principios de sua Lingua, a clareza, ou a harmonia: quem diria v. g. traduzindo esta passagem de Terencio: Negat quis? Nego. Ait? Aio. Ha quem negue? Nego. Ha quem conceda? Concedo. Ninguem conservaria na traducção essa monotonia, ou tenir de sons repetidos com distancias bem medidas.

P. Que partido tomareis vós pois?

R. Supprimirei a interrogação, e direi: outro diz que não, digo com elle. Se diz que sim, o mesmo digo eu. Esta traducção he tão natural como o mesmo original, e evita os defeitos, que infallivelmente teria, se se conservasse a interrogação.

P. Devem-se pois supprimir as figuras que senão podem traduzir?

R. Veja-se primeiro, se he possivel substituir-lhes outras, como já disse fallando das voltas da phrase. Se for igualmente impossivel traduzi-las e compensallas por outras, devem-se omittir. Este he o caso de fazer applicação do preceito d'Horacio:

Et, quae
Desperat tractata nitescere posse relinquit.

P. Deve-se entender isso de todas as figuras sem distincção ?

R. Deve-se entender menos daquellas que versão sobre as coisas, que das figuras de palavras. As primeiras devem sempre, e quasi sempre podem traduzir-se exactamente. A apostrophe, a exclamação, a suspensão, a hypothese, etc. são de todas as Linguas. Não se póde dizer o mesmo das figuras de palavras. Ha v. g. metaphoras, que não tem belleza senão n'huma Lingua; melhor he omitti-las do que traduzindo-as fielmente fazer huma traducção rasteira. Quem diria v. g. *as redeas d'huma armada*. Classique immittit habenas ? Quem ha de traduzir *prata rident* por estas palavras: os prados rim-se ? Occorrendo huma metaphora equivalente á primeira, bom he usar della. A *torrente do costume* corresponde menos mal ao *consuetudinis aestus* dos Latinos, etc. Na falta d'equivalentes, torno a dize-lo, deve-se abandonar a metaphora, sem alterar todavia o sentido, isso nunca: Esta sentença de Seneca; *affectus quidem tam mali milites quam duces sunt*, foi bem traduzida por estas palavras: as paixões *não são mais proprias para nos ajudar que para nos conduzir*. Era impossivel conservar-se a imagem de generaes e soldados.

P. O que dizeis entende-se sómente das metaphoras?

R. Póde-se dizer o mesmo d'outras muitas figuras, assim como:

1.° O jogo das palavras: *consul ipse parvo animo, et pravo, facie magis quam facetiis ridiculus.*

Litigat, et podragâ Diodorus, Flacce laborat.
Sed nil patrono porrigit haec Chiragra est.

2.° A consonancia nos remates. Ejusdem non est et facere fortiter, et vivere turpiter.

3.° A repetição dos synonimos. Abiit, excessit, evasit, erupit, e outras muitas, que, para evitar a prolixidade, omitto.

P. Que se ha de fazer nessas occasiões?

R. Não se póde dar regra fixa a este respeito. As circumstancias, o tacto do traductor, e maiormente a delicadeza do ouvido he o que deve decidir o ponto. Aqui ha huma coisa que nunca se deve perder de vista, e vem a ser, que se não toma o partido d'omittir estas figuras, senão quando ha impossibilidade de as traduzir litteral, ou equivalentemente.

P. Se tivesseis que traduzir as passagens citadas, que farieis vós?

R. Eu faria a tentativa de as traduzir assim:

1.° Consul ipse *parvo* animo et *pravo*, *facie* magis quam *facetiis* ridiculus. Temos hum Consul d'hum espirito de curto alcance, e de immensa depravação; se te queres rir, não o escutes, olha para elle.

2.° Litigat, et podragâ Diodorus, Flacce, laborat;

Sed nil patrono porrigit, haec Chiragra est.

Diodoro tem huma demanda, amigo Flacco, e não vai fallar ao seu Letrado por ter gota nos pés, nas mãos, quero dizer, porquè nada lhe dá.

3.° Ejusdem non est et facere *fortiter* et vivere *turpiter*. Não he lote de quem vive na molleza fazer acções heroicas.

4.° Abiit, excessit, evasit, erupit. Quanto a estes quatro synonimos, em vez de traduzi-los todos, eu diria simplesmente: por fim tomou seu partido, fugio, çafou-se.

SECÇÃO II.

Regras de traducção relativamente á ordem, e ás differentes partes da phrase.

P. Não se póde fazer mudança alguma na ordem do texto?

R. Deve-se conservar, quanto poder ser, a ordem dos pensamentos. A ordem das palavras depende do genio das Linguas; mudar-se-ha pois, se ambas as Linguas forem de genio differente.

P. Vindes a dizer que se ha de mudar sempre.

R. Bem longe disso. Ha muitas occasiões em que ambas as Linguas vem a encontrar-se até na ordem, e arranjo das expressões: por exemplo, dize elegantemente em Latim *sapientis est, et prudentis est praevidere futurum.* Nós dizemos tambem: he d'hum homem prudente prever o futuro.

2.° Os Latinos gostão de pôr o caso primeiro que o verbo. Esta collocação tem tambem ás vezes graça particular no Portuguez, com tanto que seja objecto indirecto, ou se for directo, ha de vir repetido da phrase precedente,

aliàs faz confusão. (*) Exemplo: *Verum amicum* qui intuetur, *tanquam exemplum* aliquod intuetur sui. Em hum amigo cada hum vê a si mesmo. *Immemorem beneficii* omnes oderunt: a hum ingrato todos aborrecem, etc.

3.° A primeira parte d'huma phrase Latina começa muitas vezes por *quod*, etc. *illud*, etc. e a segunda, por *est*, ou simplesmente *quod*, etc. o que... he que... Este arranjo cabe tambem no Portuguez. Quòd autem me summâ afficit tristitiâ *est* te, etc. o que mais me afflige he que vós, etc. Illud autem imprimis dolebam quòd, etc. O que me deixava mais saudade, era que, etc.

4.° *Quod si*, são duas palavras que apparecem a miudo no principio das phrases Latinas. Quod si dicas, etc. o Portuguez neste caso diz simplesmente *se*.

5.° *Quid causae est cur*, etc. Qual he o motivo porque, etc. encontra-se a cada passo no Latim. Em Portuguez se diria tambem: motivo este, ou motivo porque, etc. Quid causae est cur itâ agas;

(*) Conserva-se em todos estes exemplos a ordem das palavras; mas além de ser desnecessario, até seria perigoso levar sempre as coisas a esse ponto de rigor.

qual he a razão porque procedeis assim? porque fazeis vós assim? etc.

P. Deve-se conservar a ordem das proposições?

R. Sim: 1.° As proposições formão huma cadêa, huma serie de pensamentos na phrase. Suppõe-se que o Author teve algum motivo para seguir essa ordem com preferencia a outra qualquer. O traductor não deve desviar-se della, só se for inteiramente opposta á sua Lingua. Cicero diz: *secundas res splendidiores facit amicitia et adversas partiens, communicansque, leviores.* Não traduzirei: a amizade allivia a desgraça tomando parte della, e torna a prosperidade mais agradavel. A minha ordem seria differente da Latina, e a traducção infiel. Eu direi pois: a amizade dá novo realce á prosperidade, e carregando com parte do pezo da adversidade, a torna mais leve.

2.° Encontrão-se muitas vezes phrases symetricas de que bastaria alterar a ordem para lhes tirar toda a sua boniteza.

P. A que chamais vós phrase symetrica?

R. Chamo phrases symetricas aquellas em que ha correspondencia d'expressões, ou idéas entre os primeiros, e os

ultimos membros. Superest ut *nec te consilii*, *nec me* poeniteat obsequii. Desejo que não nos arrependamos, nem vós de vosso conselho, nem eu de meu obsequio. Animus noster *modò rex est*, modo tyranus; rex, cum honesta intuetur, salutem sibi commissi corporis curat, et illi nihil imperat turpe, nihil sordidum; ubi verò impotens, cupidus, delicatus est, transit in nomen detestabile et dirum; et fit tyranus. A nossa alma ora he Monarca, ora tyranno; monarca, quando tem vistas honradas, quando vigia na conservação do corpo, quando delle nada exige que seja baixeza, ou torpeza; porém assim que se entrega aos seus máos desejos, á cobiça, á molleza; vem a ser tyranno.

P. Exprimir-se-ha indispensavelmente huma phrase por outras tantas partes quantas ella tem no Latim?

R. Era para desejar que assim podesse ser sempre, então seria mais exacta a traducção; mas o Portuguez não gosta de phrases muito cumpridas.

P. Que se ha de fazer pois?

R. Se a natureza do texto o permittir, d'huma só phrase Latina se farão duas, ou tres Portuguezas.

P. Porque dizeis, *se o texto o permittir?*

R. Porque senão devem cortar indifferentemente todas as phrases que parecem cumpridas. O traductor deve attender á qualidade da obra que he o objecto de seu trabalho. Em huma carta familiar, as phrases curtas dão graça, e ligeireza ao estilo. Em huma narração, contribuirão para a rapidez, e vivacidade; mas em huma oração apparatosa não agradarião, por lhe tirarem a dignidade que lhe convém.

P. Fazei-me isto sensivel por alguns exemplos.

R. 1.° Veniam ad caenam, sed jam nunc paciscor, sit expedita, sit parca, Socraticis tantùm sermonibus abundet: in his quoque teneat modum. Aqui tendes em huma só phrase o principio da carta de Plinio: irei cear á vossa casa; mas debaixo da condição que a cêa será curta, e frugal, abundante só em conversação philosophica, e ainda sem excesso neste particular. Para lhe dar mais graça córte-se em duas, ou tres phrases. Eu irei cear á vossa casa. Porém quero fazer meu ajuste. Pertendo que a cêa dure pouco, e seja frugal; com bastante moral por modo de divertimento, e sem excesso.

2.° Neque non saepe laudabo sapientem illum, Biantem ut opinor, qui

numeratur in septem, cujus cùm patriam Prienem caepisset hostis, caeterique ità fugerent, ut multa de suis rebus secum asportarent, cum esset admonitus à quodam ut idem ipse faceret; ego verò, inquit, facio: nam omnia mea mecum porto. Deixemo-nos desse rodeio periodico, se quizermos animar a narração, e digamos: eu repetirei muitas vezes com elogio a resposta, creio que de Bias hum dos sete Sabios da Grecia. Depois de tomada Priene sua patria, os vencidos fugião, e fazião diligencia para levar parte de seus móveis. Dizendo-lhe alguem que fizesse o mesmo, isso faço eu, replicou elle, levo tudo quanto he meu.

3.º Pelo contrario, se traduzissemos a passagem seguinte por phrases separadas, pareceria feita em pedaços, além de ser pouco harmoniosa, e desagradavel, maiormente no principio d'huma Oração apparatosa. Tandem aliquandò, Quirites, L. Catilinam furentem audaciâ, scelus anhelantem, pestem patriae nefariè molientem, vobis atque huic urbi ferrum flammamque minitantem, ex urbe vel ejecimus, vel emisimus, vel ipsum egredientem verbis prosecuti sumus. Que harmonia teria esse periodo cortado, como aqui se vê: lançamos por fim, senhores, a Catilina, fóra das nos-

sas muralhas. Elle não respirava senão crimes. O atrevimento animava todos os seus projectos. O ferro, a chamma, eis-ahi o que elle preparava a esta Cidade, e a vós. Todo o essencial se acha nesta phrase. A' excepção d'algumas palavras, estão traduzidas todas as expressões Latinas; mas não tem harmonia, nem graça. He hum periodo, e acha-se em huma oração d'apparato, cuja marcha deve ser sempre nobre, e magestosa; deve-se pois traduzir periodicamente: já desterrámos, Romanos, já lançámos fóra do recinto de Roma, aquelle atrevido; aquelle furioso Catilina, que não respirava senão crimes, que tinha jurado destruir a patria, que ameaçava de pôr tudo a ferro, e sangue.

P. Convém pois traduzir os periodos por outros periodos?

R. Sim: e caso que senão possa conservar a redondeza do periodo Latino, deve-se supprir por outro periodo equivalente. Isto he de necessidade para a harmonia Oratoria.

P. Mas, não haverá monotonia na Oração, traduzindo-se periodicamente hum discurso público?

R. Poderia recear-se a monotonia, se todos os periodos fossem do mesmo cumprimento, e se os membros cortados

igualmente produzissem hum rhytmo uniforme. Porém o periodo será ora de dois membros, ora de tres, ora de quatro. O meu dizer he que huma falla dirigida ao público não admitte phrases cortadas, como huma carta, ou huma narração. O seu estilo deve ser periodico, quero dizer, as phrases harmoniosas, os pensamentos ligados entre si devem nascer humas das outras, e formar encadeamento.

P. E se a oração Latina for d'hum estilo cortado?

R. Não vos podeis dispensar de seguir o mesmo estilo. Tomar o tom, e o modo do original, he a primeira obrigação do Traductor.

SECÇÃO III.

ARTIGO I.

Regras de Traducção relativas ás expressões.

P. HA necessidade de traduzir expressão por expressão?

R. Sim, podendo ser; mas as mais das vezes isso he impossivel.

P. Explicai-me isto com alguma miudeza.

R. 1.° Os Latinos tem hum sem número d'expressões, que, sem acrescentarem coisa alguma essencial ás palavras, collocão-se entre ellas só para lhes dar graça, e harmonia, como são certos adverbios, particulas, e conjuncções, etc. *quidem, profectò, prorsùs, porrò, quippe, autem, verò, cùm, etenim, nempe, scilicet, nimirùm, nam*, etc. fóra tudo isso.

P. Porque?

R. Lembrai-vos do que já disse tantas vezes. Os Latinos corrião atrás da harmonia; a nossa Lingua quer sobre tudo clareza, e desembaraço. Todas estas particulas que se podem chamar *expletivas*, davão redondeza ás phrases Latinas. Ellas embaraçarião nas Linguas modernas, e as farião andar como de rastos.

P. He geral esta regra?

R. Sim, menos o caso de ter alguma destas particulas, e conjuncções, etc. connexão especial com a phrase precedente de que ficaria aliàs desligada.

P. Que quereis vós dizer com isso?

R. Por hum exemplo se aclarará o meu pensamento. Peguemos neste fragmento d'huma carta de Plinio. Tranquillus vult emere agellum.... rogo cu-

res quanti aequum est, emat. *Ita enim* delectabit emisse, nam mala emptio *semper* ingrata est, *eò maximè quòd* exprobrare stultitiam domino videtur. In hoc *autem* agello... Tranquilli mei multa stomachum sollicitant. Suetonio quer comprar huma pequena fazenda... fazei com que não se lhe venda senão pelo que vale. Só assim ficará contente com a compra. Huma má compra sempre he desagradavel, sobre tudo porque parece que está continuamente lançando em rosto ao comprador a sua imprudencia... o meu amigo está tentado com esta compra por varios motivos.

Para tornar sensivel a verdade do que disse, eis-aqui as ligações conservadas na traducção litteral da mesma passagem; podeis coteja-las. Assim he que se adquire hum bom tacto. Tranquillo tem vontade de comprar hum prediozinho rustico, Peço-vos tomeis cuidado para que compre pelo justo preço. Pois só assim estimará ter comprado. Com effeito, huma má compra sempre dá desgostos, de que o maior he parecer ella lançar em rosto ao possuidor a sua tolice. Ora, esta fazendazinha tem muitos particulares que excitão a sua cobiça.

Não ha coisa mais rasteira, mais arrastada que esta traducção.

2.º Ha no Latim muitas expressões d'attestar a verdade do que se diz: herculè, herclè, me hercule; pol, aedepol, etc. estas juras nunca devem traduzir-se em Portuguez. A nossa Lingua, assim como a nossa politica prescreve tudo quanto tem ar de juramento.

3.º O Latim tem muitos diminutivos *agellus*, *hortulus*, *homunculus*, *viticula*, *arbuscula*, etc. e o Portuguez ainda mais; porém a gente séria usa pouco delles, assim como dos *augmentativos*.

4.º Os verbos *frequentativos*, isto he, que exprimem frequente repetição da mesma coisa, são muito communs no Latim: ititare, dictitare, venditare, jactitare, etc. o Portuguez não os tem; o seu unico recurso he *tornar* com algum adverbio *a miudo*, *muitas vezes*, etc. Dictitabat se hortulos aliquos velle emere. Elle fallava muitas vezes em comprar hum pequeno quintal, etc.

5.º Fica sem traducção qualquer adjectivo que nada acrescenta a idéa principal. Encontrão-se muitos desses epithetos, maiormente nos Poetas. Em huma boa traducção apparecêrão só aquelles que fazem imagem, ou acrescentão alguma coisa ao substantivo. Direi eu v. g. a *feia magreza*; porque o Latim

trás antequàm *turpis macies* decentes occupet malas? A idéa de magreza encerra sufficientemente a de fealdade; mas exprimirei *decentes*, porque acrescenta ao significado de *malas*, faces, a idéa de belleza, graça. Primeiro que a magreza tire as bellas côres das minhas faces.

6.° Achão-se nos Authores Latinos muitas expressões metaphoricas. Já disse o que se deve fazer nessas occasiões. Vide Cap. 8, Secção 1, Art. 2.

7.° *Quis*, *si quis*, *aliquis*, *quispiam*, *quisque*, postos como substantivos no principio d'huma phrase traduzem-se em Portuguez de varios modos, como aqui se vê: quid ergò, dicet aliquis. Pois que?' dirá alguem. Quaeret quispiam. Perguntar-me-hão. Siquis formicis det intellectum hominis, etc. Dê-se ás formigas hum entendimento como o nosso, etc. Quis nescit nihil ex his quae creduntur bona aut mala,ità videri sapienti, ut omnibus? Quem ignora que aquillo que aos olhos do vulgo parece hum bem, ou hum mal, não o he ao vêr do philosopho?

8.° Vindo de fileira varios verbos que o traductor não póde pôr no infinito, veja se lhe póde substituir substantivos, e isto pela razão que já disse. Em outros tempos exigirão antes de si

pronomes, e muitas vezes verbos auxiliares de que a nossa Lingua foge. In ipso (Deo) diz S. Paulo *vivimus*, *movemur* et *sumus*. Nelle (Deos) he que temos a vida, o movimento, e o ser. Studes? an piscaris? an venaris? an simul omnia? Qual he o vosso divertimento? o estudo? a pesca? a caça? ou tudo isso junto?

Faz-se isso tambem muitas vezes para evitar a monotonia que seria consequencia necessaria de muitos verbos traduzidos por outros tantos. Studia adolescentiam *alunt*, senectutem *oblectant*, secundas res *ornant* adversis perfugium ac solatium *praebent*, *delectant* domi, non *impediunt* foris, *pernoctant* nobiscum, *peregrinantur*, *rusticantur*. As letras são o alimento da mocidade, e a alegria da velhice; servem de dar novo realce á prosperidade, e são hum recurso, huma consolação na desgraça; ellas fazem as delicias do gabinete, sem jámais causar embaraço; de noite fazem companhia; no campo, nas jornadas, por toda a parte acompanhão.

Ha no Latim nove verbos, todos na terceira pessoa do plural do presente do indicativo. Ponha-os no mesmo tempo quem quizer vêr a differença que isto faria na traducção. Eis-aqui outra da

mesma passagem: as bellas letras formão a mocidade, e fazem o encanto da idade avançada. Com ellas a prosperidade he outro tanto, a adversidade acha nellas a sua consolação, e quer em nossa casa, quer em casa alheia, nas pousadas, na solidão, em todo o tempo, em todos os lugares, ellas são os deleites da vida. Seja isto a confirmação dos nossos principios.

9.º Os substantivos que indicão huma acção; traduzem-se por infinitos, maiormente quando vem juntos com estes adjectivos, *aptus*, *paratus*, *promptus*, *idoneus*, *pronus*, e sempre pela mesma razão, para evitar embaraços superfluos. Promptus ad iram. Facil de encolerizar-se. Itineri paratus et praelio. Prompto para marchar, e pelejar.

10.º Substituir adjectivos, ou substantivos aos adverbios tem muita graça por serem os adverbios palavras cumpridas, e ordinariamente acabadas em *mente*, que sempre supprimimos no primeiro antes d'outro, e a nossa phrase foge do embaraço, e da monotonia. Sic vivamus, sic loquamur. Estes devem ser os nossos discursos, esta deve ser a nossa conducta. Plerique *perversè* ne dicam *impudenter* amicum habere talem volunt, quales ipsi esse non possunt. Hu-

ma injustiça, para não dizer huma impudencia muito ordinaria entre os homens, he quererem que as boas qualidades que lhes faltão, se achem nos seus amigos.

11.º *Libens, libenter, lubenter, lubens*, antes do presente do indicativo, ou do perfeito do subjunctivo traduzem-se muito bem pelo presente do indicativo do verbo *gostar* ou *estimar*. Verum, Gallice, non libenter audis. Francez, não gostais de ouvir a verdade. Haec libens crediderim. Com gosto lhe daria crédito. *Libens audio te*, etc. Estimo saber que vós, etc.

12.º Fallando de *audio*, lembra-me que ás vezes causa embaraço: benè audire, malè audire, querem dizer *ser louvado, ser vituperado*. Terencio diz: malè audies: dirão mál de vós, sereis vituperado. *Pessimè audire, optime audire*: ter muito má, muito boa fama.

13.º Os tempos do verbo *soleo* traduzem-se, pela maior parte, por adverbios, *ordinariamente, muitas vezes*; mas então põe-se o verbo seguinte aonde estava *soleo*. Solebat narrare Pompeius se, quum Rhodum venisset decedens ex Syriâ, etc. Pompeio contava muitas vezes que, no seu regresso de Syria, passando por Rhodes, etc. Fieri solet. Costu-

ma succeder, succede ordinariamente. Solemus dicere non fuisse in nostrâ potestate sortiremur parentes. Diz-se muitas vezes que não temos a escolha de nossos pais.

14.° Os participios em *dus*, *da*, *dum*, estando no nominativo traduzem-se por *dever*, *ser preciso*. Se estiverem no accusativo veja-se se acha hum adjectivo que lhe corresponda. *Constituendi sunt qui sint in amicitiâ fines*. Devem-se prescrever limites á amizade. *Hos-ce homines minimè puto pertimiscendos*: não os tenho por temiveis. Hoc certè, Quirites, quod sum dicturus, neque praetermitendum, neque relinquendum est. Ainda ha hum facto mais extraordinario que não deve callar-se. Non dignitatibus *aestimandi* homines, sed moribus. Não he pelos titulos, mas sim pelos costumes que se deve fazer conceito dos homens.

15.° Traduzir-se-ha, quanto poder ser, o ablativo absoluto, por hum substantivo; aliàs por huma phrase separada, pondo-se o verbo no mesmo tempo que o seguinte. Suadente me. A minha persuasão. Regnante Augusto. Debaixo do imperio d'Augusto. Juvante fortuna. Com o favor da fortuna. Hoc pereunte, fugis; hoc fugiente, peris. Esse morre, foges; este foge, morres.

16.° *Dicitur*, *narratur*, *ferunt*, *perhibent*, *credunt*, etc. a terceira pessoa do singular d'hum verbo passivo, cujo nominativo está occulto, e a terceira pessoa do plural d'hum verbo activo que não tem nominativo claro, traduzem-se em Portuguez pela mesma pessoa, e tambem sem nominativo claro, ou por *se*, pronome reflectivo. *Dizem. Contão.* Diz-se. Conta-se. Refere-se. Crê-se, etc.

17.° *Latet*, *fugit*, tomados impessoalmente, e precedidos d'huma negação traduzem-se por: sabe-se. Ninguem ignora. Neminem latet ou fugit. Não precedendo negação sempre conservão a significação de *saber*, *Me fugit*, *me latet*. Não sei.

A todas as observações que acabo de fazer acrescentarei huma só, e vem a ser, que nenhuma ha entre ellas que não possa ter, e com effeito não tenha muitas excepções. O ouvido, o gosto, estes são os primeiros guias d'hum traductor. Muito apego ás regras o induziria muitas vezes em erro.

Artigo II.

Regras de traducção relativamente aos modos de fallar que são proprios do Latim.

P. Que entendeis por esses modos de fallar?

R. Certas voltas, certas expressões quasi sempre metaphoricas, que não tem graça senão na Lingua original.

P. Que fará então o traductor?

R. Já o tenho dito: deve procurar na sua Lingua modos de fallar equivalentes aos do Latim, ou limitar-se simplesmente a exprimir o pensamento que encerrão.

P. Dai-me exemplos disso.

R. Entre os adagios Portuguezes não achei hum só que seja traducção exacta d'hum adagio Latino.

Modelos de Traducção para os principiantes.

De Amicitiâ.	*Ao pé da letra.*
1 3 4	
1. Amicitia res plu-	A Amizade contém
4 2 7	
rimas continet quoquò	muitas coisas ; ella he
9 8 6 5	
te verteris praesto est ;	util para qualquer par-
12 11 10	
nullo loco excluditur :	te que vos virardes ; de
14 15	
numquàm intempesti-	nenhum lugar se ex-
16 17	
va , numquàm molesta	clue ; nunca he impor-
13	
est.	tuna, nunca he pezada.

TRADUCÇÃO

De Antonio Lourenço Caminha.

A Amizade he rica , e fecunda , por toda a parte se encontra ; de lugar algum he excluida , nem jámais he intempestiva , ou enfadonha.

Os recursos da Amizade não tem limites , e ella os offerece a todo o tempo , e em todos os lugares ; nunca incommoda , nunca he pezada.

1 2 4	
2. Si utilitas amici-	Se o interesse enla-
3 5	
tias conglutinaret ea-	çasse as amizades , o
6 7	
dem commutata dis-	mesmo mudado as des-
1 7 8	
solveret. Sed quia na-	ligaria ; porém as ver-
11 9 10	
tura mutari non potest,	dadeiras amizades são
6 3 2	
idcirco verae amicitiae	eternas, por isso que a
5 4	
sempiternae sunt.	natureza não póde ser
	mudada.

A. L. Caminha. Se o interesse fosse quem conglutinasse, e contrahisse as amizades, tirado este, ella se romperia; mas porque a natureza he inviolavel, as verdadeiras amizades jámais acabão,

Se o interesse só prendesse dois corações, bastaria mudar o interesse para quebrar o laço; como porém a natureza não muda, as verdadeiras amizades são eternas.

7 1	
3. Virtutum amici-	A Amizade foi dada
6 4 5	
tia adjutrix a naturâ	pela natureza como
2 3 8 10	
data est, non vitiorum	hum adjutorio para as
9	
comes.	virtudes, e não como
	cumplice dos vicios.

Caminha. A natureza concedeo-nos o precioso dom da amizade não para ser favorecedora de vicios; mas sim para o apoio das virtudes.

A natureza nos deo a amizade para ajudar a virtude, e não para favonear o vicio.

1 2	
4. Nihil amabilius	Nada ha mais ama-
3 1 2 4	
virtute; nihil quod ma-	vel que a virtude, na-
3 5 6	
gis alliciat homines ad	da que mais impella a
7	
diligendum.	amar.

Caminha. Por quanto não ha coisa na verdade mais amavel que a virtude; nada, que arrebate os corações com mais força.

Não ha coisa mais amavel, mais capaz de ganhar os corações que a virtude.

8 9 10
5. Solem a mundo
7 6 1
tollere videntur qui
3 4 5 2
amicitiam è vitâ tollunt.

Aquelles que tirão a amizade da vida, parecem tirar o Sol do mundo.

Caminha. Parece que tirão o Sol do mundo aquelles, que do commercio da vida apartão a amizade.

Tirar aos homens a amizade, seria tirar ao mundo o Sol.

1 2 4
6. Scipio negabat ul-
3 5
lam vocem inimicio-
6 7
rem amicitiae potuisse
8 9 10 11
inveniri quàm ejus qui
12 15 14 13
dixisset ita amare opor-
16 17 20
tere, ut si aliquando
18 19
esset osurus.

Scipião negava palavra alguma mais contraria á amizade ter podido achar-se que a daquelle que dissera ser preciso amar, como havendo de odiar hum dia.

Caminha. Scipião negava, que se

não podia achar palavra mais inimiga da amizade, do que aquella que dizia, que era conveniente amar de tal modo, como se algum dia houvessemos chegar a aborrecer.

Scipião dizia que não havia coisa mais opposta á amizade que a maxima de ser amigo, como podendo vir a ser algum dia inimigo.

Advertencias sobre as traducções acima.

1. *A amizade he rica, e fecunda.* Esta expressão he tão vaga que não dá idéa do que diz o Author. Os *recursos da amizade* não tem limites he o equivalente do Latim, que traduzido ao pé da letra não se poderia soffrer. *Quoquo te verteris* faz imagem. Deixo a outro a decidir se *offerece a todo o tempo, e em todos os lugares* a conserva, senão. *de algum lugar he excluida* he a affirmação em vez da negação.

2. Conglutinar, e contrahir... romper... O traductor além da prolixidade, não conservou a analogia das idéas, e por isso he viciosa a sua metaphora, o contrario de *conglutinar*, seria *desgrudar*, termo baixo.

3. *Favorecedora de vicios . . . apoio das virtudes.* A correspondencia dos membros da Antithesis pedia *vicios*, e *virtudes* na mesma extensão de significados. Aqui faz-se sensivel a falta d'huma grammatica philosophica da Lingua Portugueza.

Na segunda traducção póde-se vêr a observação das regras, a voz activa em vez da passiva, o verbo no infinito substituido a hum nome. Veja-se Cap. 8.

4. *Quod alliciat ad diligendum*: Arrebatar os corações com força. *Allicere* he attrahir, o que senão consegue pela força.

5. *Tirão. . . aquelles que. . . apartão . . .* Era difficil achar expressão mais fraca de *tollere* que o verbo *apartar*. Perdoa-se a hum traductor ás vezes augmentar, mas nunca diminuir a energia do original.

6. *Scipião negava que senão podia . . .* Na Lingua Portugueza duas negações valem huma affirmação. *Do que aquella que dizia que . . .* Deve-se evitar a repetição da mesma palavra, menos que corrobore a dicção. Aqui produz hum effeito que apura a paciencia. A segunda traducção dá a prova de que não era impossivel dar hum córte nas palavras *quam ejus*, qui . . . ita *ut si aliquando*, Ve-

já-se 1.ª advertencia do Artigo 1.º da Secção 3.ª do Cap. 8.º Por mais que se affaste o traductor da letra do texto, sempre lhe deve conservar o sentido, e he o que se vê na segunda traducção.

Texto de Cicero.

Cum tota philosophia frugifera, nec ulla pars ejus inculta ac deserta sit, tum nullus feracior in eâ locus est, nec uberior, quàm de officiis, a quibus constanter honestéque vivendi praecepta ducuntur.

TRADUCÇÃO

De Miguel Antonio Ciera.

Não ha dúvida que toda a philosophia tem em si abundantes frutos para dar, e que não houve parte della sem ser cultivada; porém nunca mostra tanto a sua grande riqueza como naquelle lugar, em que trata das obrigações civís, donde se tirão os preceitos para

conduzir bem, e constantemente a vida.

Se a philosophia he como hum campo que offerece frutos devidos huns á natureza, outros á cultura, sem hum pedaço de chão inculto, ou esteril, bem se póde dizer que aonde patentêa maior fertilidade, e abundancia he quando, tratando dos deveres sociaes, risca o plano d'huma vida em todo o seu theor honrosa.

Tem em si frutos para dar; para dar, faz huma quéda, que o traductor evitaria se reflectisse nas relações dos objectos que servem de base á metaphora. *Não houve parte della sem ser cultivada.* Inculto só, diz o mesmo, e na escolha das expressões devem-se preferir as laconicas.

Na segunda traducção conservou-se a figura.

EX QUINTILIANO

Lib. 1. *Cap.* 1.

De Pedagogis hoc amplius, ut aut sint eruditi plenè, quam primam esse curam velim: aut se non esse eruditos sciant. Nihil enim pejus est iis, qui paulum aliquid ultra primas literas progressi, falsam sibi scientiae persuasionem induerunt. Nam et cedere praecipiendi peritis indignantur, et velut jure quodam potestatis, quo ferè hoc hominum genus intumescit, imperiosi, atque interim saevientes, stultitiam suam perdocent. Nec minus error eorum nocet moribus. Siquidem Leonides Alexandri Paedagogus, ut a Babylonio Diogene traditur, quibusdam eum vitiis imbuit, quae robustum quoque, et jam maximum regem ab illâ institutione puerili sunt prosecuta.

Si cui multa videor exigere, cogitet oratorem institui, rem arduam: etiam

TRADUCÇÃO

De Vicente Lisbonense.

NOs Pedagogos se deve requerer além disso, que ou sejão verdadeiramente eruditos (o que eu qüizera que se procurasse em primeiro lugar) ou que conheção que o não são; porque não ha coisa peor, do que aquelles, que não sabendo senão pouco mais do que as primeiras letras, se encherão da falsa persuasão de saber, porque se dedignão de ceder aos peritos em ensinar, e como com hum certo direito de authoridade, com o qual pela maior parte se ensoberbece esta casta de homens, imperiosos, e ainda algumas vezes crueis, ensinão a sua estulticia. Nem menos o seu erro faz mal aos costumes. Porque Leonides, Pedagogo de Alexandre, como refere Diogenes de Babylonia, o criou com certos vicios, que desde os primeiros annos, em que os aprendêra, o acompanhárão tambem depois em idade robusta, e quando já era tido pelo maior Rei. Se a alguem parece que eu pertendo muito, considere que instituimos hum Orador,

cùm ei formando nihil defuerit, praeterea plura, ac difficiliora superesse. Nam et Studio perpetuo et praestantissimis praeceptoribus, et pluribus disciplinis opus est. Quapropter praecipienda sunt optima: quae si quis gravabitur, non rationi defuerit, sed homini. Si tamen non contingent, quales maximè velim habere nutrices, pueros, Paedagogos: at unus certè sit assiduus, dicendi non imperitus, qui, si qua erunt ab his, praesente alumno, dicta vitiosè, corrigat protinùs, nec insidere illi sinat; dum tamen intelligatur, id, quod priùs dixi, bonum esse; hoc remedium.

coisa ardua: e que ainda quando não faltou nada para lhe dar a primeira fórma, restão muitas coisas, e mais difficultosas. Porque ha mister hum estudo continuo, Mestres excellentissimos, e o conhecimento de muitas artes. Pelo que ha-se de prescrever o que he melhor; e se alguem recusar abraçallo, não se poderá dizer que houve falta na instituição, senão no homem. Se porém não acontecer que os meninos tenhão amas, quaes nos quereriamos, deve haver infallivelmente hum Pedagogo, que esteja sempre ao seu lado, e não seja ignorante da arte de fallar, o qual, se as amas cahirem em alguns erros da Lingua diante do seu alumno, as corrija logo, nem consinta que se imprimão no menino: com tanto, que se fique entendendo, que o que disse em primeiro lugar, he o bom, e isto remedio.

Do segundo Capitulo do primeiro Livro das Instituições Oratorias de Quintiliano.

PAssando a fallar dos Mestres, a primeira qualidade que nelles exijo he huma verdadeira erudição, e se a não tiverem, que não presumão de Sabios; pois não ha vicio mais prejudicial para o Alumno, que a presumpção junta á ignorancia, naquelles que pouco passão das primeiras letras (1). Além de se rebellarem contra a Authoridade dos melhores Professores da Arte, parece-lhes apanagem do lugar que occupão, fazer ostentação de toda a altivez do pedantismo, e chegão a substituir as illusões do seu entendimento, ás lições da sabedoria. Esta incapacidade tambem tem consequencias igualmente funestas para a moral. Leonides, preceptor de Alexandre, diz Diogenes de Babylonia, communicou a seu Alumno certos vicios que este conservou depois da Adolescen-

(1) Não desdiz com o Aviso ao público sobre a Educação. Nem hum pagão póde conciliar o Ensino com a ignorancia.

cia, e chegou a ser chamado o maior dos Reis, com defeitos que fizerão parte da sua primeira educação. Haverá quem cuide que exijo muito, mas lembre-se que trato de formar hum Orador, empreza de difficil execução; pois ainda quando nada faltaria da parte dos Mestres, elle teria ainda muito, e talvez o mais difficil, que fazer da sua parte. Para formar hum Orador he indispensavel o concurso d'hum estudo continuo, dos melhores Mestres, e do conhecimento dos varios ramos das sciencias. He obrigação minha apontar o que ha melhor em tudo. Se houver quem não queira carregar com o pezo, deite depois a culpa, não ao meu Methodo, mas á si mesmo. Caso porém que senão encontrem Aias, companheiros, e Mestres, como eu quero, ao menos tenha sempre o educando á sua ilharga quem falle bem a sua Lingua, para que, se as Aias fizerem na sua presença algum erro no fallar, lho emende logo, sem lhe deixar o tempo de se tornar em vicio; mas fiquemos na intelligencia de que o que eu disse em primeiro lugar he o que se deve praticar; na impossibilidade de conseguir este bem, adopte-se embora o segundo meio; porém sempre como correctivo d'hum mal inevitavel.

Advertencias sobre a Traducção de Vicente Lisbonense.

Não ha coisa peor do que aquelles, etc. Nesta phrase se faz de pessoa coisa, que he hum transtorno d'idéas inintelligivel, quando a primeira qualidade da expressão he a clareza. Demais, devia particularisar o damno que resulta da coisa, ou pessoa que o causa, e na traducção fica em huma generalidade, cujo effeito he produzir obscuridade no entendimento que mal a abrange. *Com certo direito de authoridade, imperiosos, e crueis, ensinão a sua estulticia.* Esta phrase não entendo eu; não sei que coisa seja *direito de authoridade*; esta sei que se funda no direito, se bem que ás vezes se exercita sem elle. Quintiliano suppõe a authoridade delegada por quem podia delegá-la, sem alienar o seu direito, que não passou a quem exercita a authoridade, e neste caso não ensina nem estulticia, nem outra coisa com este direito, porque não o tem; basta-lhe a authoridade. Agora se estulticia he palavra Portugueza, ou não decida quem quizer. O seu *erro faz mal*... Creio que *o erro* foi

de quem escolheo o Mestre de que se trata; se Vicente Lisbonense o entendeo do mesmo Mestre, faz-lhe muito favor, depois de o pintar imperioso, e cruel, ensinando o que não sabe, e contradizendo os peritos em ensinar. *Pelo maior Rei.* Aqui se falla de dois Reis, dos quaes Alexandre he o maior; o outro não sei quem he, nem o traductor o dá a conhecer. *O que disse em primeiro lugar he o bom*, e isto remedio. Aqui temos o remedio do *bom* que ninguem procura.

Consederant utrinque pro castris duo exercitus, periculi magis praesentis quam curae expertes, quippe imperium agebatur in tam paucorum virtute atque fortuna positum. Itaque ergo erecti suspensique in minime gratum spectaculum, animo intenduntur. Datur signum: infestisque armis velut acies, terni juvenes magnorum exercituum animos gerentes concurrunt: nec his nec illis periculum suum, publicum imperium servitiumque obversatur animo, futuraque ea deinde patriae fortuna, quam ipsi fecissent. Ut primo statim concursu increpuère arma, micantesque fulsêre gladii, horror ingens spectantes perstringit, et neutrò inclinatâ spe torpebat vox, spiritusque. Consertis deinde manibus, cum jam non motus tantum corporum, agitatioque anceps telorum armorumque, sed vulnera quoque et sanguis specta-

Combate dos Horacios e dos Curiacios.

OS dois exercitos estavão parados, cada qual fóra do seu arraial respectivo; mas senão tinhão parte no perigo dos Campiões, nem por isso deixavão d'estar com cuidado, quando a decisão do imperio dependia do valor, e da felicidade de tão pouca gente. Animados pois pela esperança, e suspensos pelo medo, dão toda a sua attenção a hum espectaculo que nada tem d'agradavel. A hum certo sinal, avanção huns contra os outros, tres mancebos, de cada banda, fazendo a figura do abalo de dois poderosos exercitos de que tinhão todo o valor. Igualmente esquecidos d'ambas as partes do perigo proprio, não se lhes antolha senão dar, ou receber as leis a patria, cuja sorte futura depende de seus braços. Ao tenir das armas, ao vêr brilhar as espadas, estremecem os espectadores, e por não ter ainda esperança alguma, todos callados, não se atrevião a respirar. Eis-que se trava a acção, vemnos em movimento, usar das armas offensivas, e defensivas, já se ferírão, já

culo essent: duo Romani, super alium alius, vulneratis tribus Albanis, expirantes corruerunt. Ad quorum casum cum conclamasset gaudio Albanus exercitus, Romanas Legiones jam spes tota, nondum tamen cura deseruerat, examines vice unius, quem tres Curiatii circumsteterant. Forte is integer fuit, ut universis solus nequaquam par, sic adversus singulos ferox. Ergo, ut segregaret pugnam eorum, capessit fugam, ita ratus secuturos, ut quemque vulnere affectum corpus sineret. Jam aliquantum spatii ex eo loco ubi pugnatum est, aufugerat, cum respiciens videt magnis intervallis sequentes, unum haud procul ab sese abesse. In eum magno impetu redit. Et dum Albanus exercitus inclamat Curiatiis, ut opem ferant fratri, jam Horatius caeso hoste victor secundam pugnam petebat. Tunc clamore, qualis ex insperato faventium solet, Romani adjuvant militem suum: et ille defungi praelio festinat. Prius itaque quam alter qui nec procul aberat, consequi posset, et alterum Curiatium conficit. Jamque aequato Marte, singuli supere-

corre o sangue; dois Romanos cahem mortos hum em cima do outro, os tres Albanos ficárão feridos. Ao vêr cahir os dois Romanos, o exercito Albano deo hum grito d'alegria. O exercito Romano estava já sem esperança, mas não sem cuidado, interessando-se vivamente pelo camarada posto no meio dos tres Curiacios. Elle não tinha felizmente recebido ferida alguma; assim, senão bastava só para os tres, para cada hum lhe sobejava força. Entra pois a fugir, para separar os antagonistas, levado da persuasão que elles andarião atrás delle, conforme as feridas lho permittissem. Estava já a alguma distancia do campo da Batalha, quando, olhando para trás, os vê vir vindo longe hum do outro, mas hum delles a poucos passos de si. Corre logo sobre elle. Debalde grita o exercito Albano aos Curiacios, que acudão ao irmão, Horacio já o matou, e se prepára já para outra victoria. Levanta-se da parte dos Romanos aquelle grito proprio de quem dava tudo por perdido, e concebe novas esperanças, para animar o seu Campião, e este se dispõe a fazer o seu dever. Sem deixar áquelle que estava mais distante, o tempo de chegar, mata o segundo Curiacio. A peleja era já de homem a homem, mas

rant, sed nec spe, nec viribus pares. Alterum, intactum ferro corpus, et geminatâ victoriâ, ferocem in certamen tertium dabant. Alter fessum vulnere, fessum cursu trahens corpus, victusque fratrum ante se strage, victori objicitur hosti. Nec illud praelium fuit. Romanus exultans, duos, inquit, fratrum manibus dedi: tertium causam belli hujusce, ut Romanus Albano imperet, dabo. Malè sustinenti arma, gladium supernè jugulo defigit: jacentem spoliat.

com esperanças, e forças bem desiguaes. Hum sem ferida alguma, já vencedor de dois inimigos, estava cheio d'ardor para entrar em nova briga; o outro enfraquecido por suas feridas, esfalfado de correr, desanimado á vista de seus irmãos estirados no chão, vem-se entregar á discrição d'hum inimigo vencedor; nem aquillo se póde chamar peleja. Sacrifiquei dois, disse o Romano triumphante, aos Manes de meus irmãos, vou sacrificar o terceiro ao motivo desta guerra, e Roma dictará leis a Alba. O Albano mal podia com o pezo de suas armas; o Romano usando de toda a sua superioridade lhe crava a espada na garganta, e se reveste de seus despojos.

ODE XII.

Ad Maecenatem.

INclusam Danaen turris ahenea,
Robustaeque fores, et vigilum canum
Tristes excubiae munierant satis
Nocturnis ab adultris;

Si non Acrisium, Virginis abditae
Custodem pavidum, Jupiter et Venus
Risissent: fore enim tutum iter et patens,
Converso in pretium deo.

Aurum per medios ire satellites,
Et perrumpere amat saxa, potentius
Ictu fulmineo: concidit auguris
Argivi domus, ob lucrum

ODE XII.

Traducção de Joaquim José da Costa de Sá.

HUma torre tão forte como o bronze, as portas do mais rijo carvalho, e a multidão dos cães sempre em vigilante guarda, erão sem dúvida bastantes para defenderem, e guardarem a Danae, nella encerrada, contra as emprezas de seus amantes, que de noite vagamente a rondavão; se acaso Jupiter, e Venus não illudissem aquelle extremo cuidado, com que o timorato Acrisio guardava a escondida. Elles pois sabião, que nada era inaccessivel a hum Deos, por huma subtil metamorfose convertido em ouro; e que todas as difficuldades com a sua presença se dissiparião. Nada ha certamente, que a força, e o poder do ouro não consiga. Mais subtil que o relampago abre para si caminho por meio dos cerrados esquadrões de sentinellas; mais poderoso que o raio despedaça, e lança por terra os mais fortes, e irresistiveis baluartes de sólido rochedo. A

Demersa exitio: diffidit urbium
Portas vir Macedo, et subruit aemulos
Reges muneribus: munera navium
Saevos illaqueant duces.

Crescentem sequitur cura pecuniam,
Majorumque fames; jure per horrui
Latè conspicuum tollere verticem,
Maecenas, equitum decus.

Quanto quisque sibi plura negaverit,
A Diis plura feret. Nihil cupientium
Nudus castra peto; et transfuga, divitum
Partes linquere gestio,

avareza de Eriphilo foi a origem de todas as desgraças, que inundárão, e destruírão a casa, e a familia do agoureiro Amphiaráo. Filippe, Rei da Macedonia, com as mãos carregadas de ouro, não encontrou Cidades, por mais defendidas que fossem, inconquistaveis; nem Soberanos, por mais poderosos que fossem os seus exercitos, invenciveis. A' força das preciosas dádivas se encanta, e se corrompe a ferocidade dos Officiaes, que governão as armadas. A' proporção que vemos augmentarem-se os nossos bens, immediatamente experimentamos crescerem os cuidados; que nos inquietão, e a cubiça, que nos consome. O' Mecenas, ó tu, que sabiamente te tens conservado em a Ordem Equestre, e que por isso fazes a brilhantissima honra dos Cavalleiros Romanos, eu pois justamente com grande horror hei temido elevar-me ao esplendor, e grandeza das immensas riquezas, e do summo poder. A' medida que cada hum cohibir com vigilante moderação a sua cubiça, e a sua avareza, os supremos Deoses lhe farão receber muito maiores, e mais avantajadas fortunas. Eu pobre, desprovido de tudo, de bom coração, desamparo como fugitivo o partido dos ricos, e poderosos; e sigo a sorte, e o destino da-

Contemptae dominus splendidior rei,
Quam si quidquid arat non piger Ap-
pulus
Occultare meis dicerer horreis,
Magnas inter opes inops.

Purae rivus aquae, silvaque jugerum
Paucorum, et segetis certa fides meae
Fulgentem imperio fertilis Africae
Fallit sorte beatior.

Quamquam nec Calabrae mella ferunt
apes
Nec Laestrigoniâ Bacchus in amphorâ
Languescit mihi, nec pinguia Gallicis
Crescunt vellera pascuis;

quelles que nada cubição, nada desejão. Com tudo eu me considero mais glorioso, senhor dos pequenos bens, e módicas riquezas que possuo sem as ter procurado, do que se recolhesse em meus graneis todas as searas, que o laborioso Lavrador recolhe da fertil Apulha, cuja abundancia certamente não me impediria, assim como não impede o maior número dos nossos Grandes, que eu não fosse na verdade sempre pobre, e indigente no mesmo centro dessas affluentes riquezas. Huma tenue fonte de pura, e crystalina agua, e huma mata, que consta de hum pequeno terreno, e huma herdade, de que lucro hum seguro rédito em as suas searas, me bastão para desenganar o Proconsul da opulenta Africa; o qual por isso mesmo que ignora a total somma de suas riquezas, se julga ser mais feliz em a sua condição, do que eu me imagino em o meu próprio estado. Muito embora não me forneça a Calabria o saboroso, e excellente mel, que produzem as suas abelhas; muito embora não tenha eu em a minha adega esses exquisitos, e generosos vinhos de Formias, guardados em os cantaros, onde a dilatada velhice os amadurece, e faz suaves; muito embora os rebanhos, que se ápascentão em os viçosos pastos das

Importuna tamen pauperies abest;
Nec, si plura velim, tu dare deneges
Contracto melius parva Cupidine
Vectigalia porrigam,

Quam si Mygdoniis regnum Alyattici
Campis continuem. Multa petentibus
Desunt multa. Benè est, cui Deus obtulit
Parcâ quod satis est manu.

Gallias, não me enriqueção com as suas lãs; comtudo isso não padeço os molestos incommodos da indigencia; e quando acaso quizesse augmentar riquezas, eu sei, ó Mecenas, que de mui boa vontade tu m'as não recusarias. Assim limitado em os desejos das riquezas, que comprimo, eu recolherei com maior prazer, e facilidade os meus pequenos réditos, do que se unisse continuadamente os campos da fertil Frygia, onde reinou Mygdon, aos campos da Lydia, cujo soberano Imperio possuio Alyattes. Aquelles que muito mais desejão, esses mesmos são os que experimentão muito maior indigencia. Feliz o homem, que, sem importunar os Deoses, recebeo da sua parca mão quanto lhe he bastante para viver com honra.

TRADUCÇÃO

Da Ode XII. do Livro III. de Horacio.

DAnae mettida dentro d'huma torre de bronze com portas de ferro, sempre rodeadas d'huma matilha de cães, cuja vigilancia fazia o seu despero, parecia inaccessivel a todas as tentativas de seus amantes; porém Jupiter e Venus zombárão das cautélas d'Acrisio, timido Carcereiro da bella, na certeza de que se o Deos tomasse a figura do ouro, teria livre accesso ao pé della. Com effeito, o ouro abre passagem por entre os Esbirros, e se ha baluarte prova do raio, não o ha prova deste metal. A isca do ganho foi a primeira origem da perda total da casa do Agoureiro Amphiaráo; o heróe da Macedonia não achou praça que lhe não abrisse as suas portas, huma vez que se lhe visse brilhar na mão o metal precioso, e assim levou a vantajem a todos os seus antagonistas. Até a fereza natural aos Déspotas dos Mares deixa-se prender em grilhões de ouro. Ora, á medida que crescem os cabedaes, cres-

cem tambem os cuidados do possuidor, e os desejos estão sempre em proporção com os teres. Quanto a mim, ó Mecenas, Brazão da Ordem Equestre, a philosophia me ensinou a fugir de fazer papel de rico, e poderoso. Os Deoses prodigalizão ao homem os bens em razão inversa do apego que lhes tem. Eu nada tenho, e assim vou arranchar com aquelles que nada desejão; deixo de boa vontade o partido dos Ricos pelo de seus contrarios; com esta philosophia, mais me luz aquillo que ninguem me inveja, que, se com fama de rico, miseravel no seio das riquezas, eu recolhesse nos meus celleiros todo o producto dos suores dos Apulhianos. Hum regato d'agua crystalina, hum bosque que cobre algumas geiras de chão, e huma seara que nunca deixou as minhas esperanças baldadas, tal he a minha sorte que não trocaria pela d'aquelle que, sentado no throno da fertil Africa, não faz conceito da minha felicidade. Não colho, he verdade, o mel da Calabria, não se conserva d'anno a annos o vinho de Formia engarrafado na minha adega, nem se vendem por minha conta as lãs das Gallias; mas com tudo, não passo pelos incommodos da pobreza, e de certo, se eu quizesse ter maiores bens, bastaria que tos

pedisse. Melhor he para mim pagar á custa de meus appetites a minha parte dos impostos, que se eu desfrutasse as planicies da Phrygia, antigos dominios de Mygdon, com os estados de Creso. Alargar os desejos, he augmentar a precisão; abastecido está quem se sabe contentar com aquillo que lhe coube na distribuição feita pela economia do Ceo.

Advertencias sobre a Traducção de Joaquim José da Costa de Sá.

Huma torre tão forte como o bronze, o Latim diz huma torre de bronze turris ahenea; não ha razão alguma de fugir aqui da traducção litteral, já que se diz em Portuguez *porta de ferro* no sentido natural, porque não se dirá no sentido figurado *huma torre de bronze*, para significar huma prizão difficil de arrombar?

As portas do mais rijo carvalho, e a multidão de cães, etc. Huma torre entende-se por força de certa torre particular, mas *as portas do mais rijo carvalho*, e a multidão dos cães, ficão na generalidade de seu significado até que appareça coisa que os particularize, como deve ser, e he o que se espera em vão.

Defenderem, e guardarem... O segundo verbo nada acrescenta ao que diz o primeiro. Logo he pleonasmo que se devia evitar.

Amantes que de noite vagamente a rondavão... Devia-se tirar a equivocação a este *a* que, não sei se se entende da *torre* se da prizioneira. No segundo caso, *vagamente* não era admissivel, porque não se póde dizer que ronda vagamente quem está com o pensamento fito em hum objecto particular, como hum amante em semelhante occasião.

Illudissem aquelle extremo cuidado, eludir os cuidados he o que se diz, e não *illudir. por huma subtil metamorphose*, he huma addição inutil.

Mais subtil... abre caminho. *Abrir caminho* se diz do que arreda os obstaculos para poder passar francamente, e a subtileza se ensinua, se introduz sem nada desarranjar. O traductor perdeo de vista a analogia das idéas, e por isso as exprimio mal.

Os mais fortes, e irresistiveis baluartes... irresistivel se diz daquillo que tem em si huma força a que senão póde resistir. Veja o leitor se aqui se póde assim entender, e procure-lhe hum sentido, que eu não lho acho.

Cidades por mais defendidas que fossem,

inconquistaveis... por mais... invenciveis. Inconquistaveis, invenciveis, ficão muito longe do lugar que devião occupar; apparecem quando nada fazia esperar por elles, além de que *inconquistavel* se diz d'hum paiz, e *inexpugnavel* d'huma praça.

Vemos augmentarem-se os nossos bens... Nada authoriza a terceira pessoa do plural por não preceder *bens* que, só depois de si a podia admittir. Ninguem diria: eu vi *passarem*, mas sim passar v. g. dois Regimentos.

Com grande horror hei temido elevar-me ao esplendor, e grandeza das immensas riquezas, e do summo poder. O epitheto *grande* nada acrescenta a horror; esta palavra *horror* diz muito mais que temor. Até aqui vai a oração ás avessas do que devia ir. O resto he hum montão de palavras que remata com pôr huma frioleira na boca do mais discreto, e delicado Cortezão que houve no reinado do Imperador Augusto.

Lhe farão receber... Se fosse esta expressão Portugueza, quereria dizer: o constrangeráõ a receber. O traductor devia dizer: o encheráõ de, etc.

Riquezas que possuo, sem as ter procurado. Contemptae dominus splendidior rei, possuidor d'huma coisa desprezada;

Horacio suppõe a sua fortuna desprezada, mas não por elle, já que prefere a sua sorte a outra qualquer. O author não entendeo o texto.

Assim como não impede o maior número dos nossos Grandes. Não se cance o leitor em procurar esta phrase em Horacio.

Me bastão para desenganar, etc. até ao fim da phrase. Nem aqui se trata de desenganar ao Proconsul da opulenta Africa, nem Horacio toma isto á sua conta, nem diz se o tal Proconsul sabe, ou ignora o que tem de seu, nem se compára a sua fortuna com a do Lyrico; não trata aqui da felicidade imaginaria deste, de nada disto trata a passagem, mas unicamente da felicidade de que Horacio goza na mediocridade da sua fortuna, que só elle sabe avaliar. Veja-se a traducção seguinte.

Purae rivus aquae, etc. Encerra em si hum Ellenismo. Latet, significa está escondido. Com este verbo póde-se pôr em Latim o dativo, ou o accusativo. Nesta passagem está com o accusativo. Fulgentem imperio fertilis Africae latet. Está escondido áquelle que brilha, etc. podia ser: fulgenti imperio fertilis Africae latet: Eis-aqui a ordem natural: rivus aquae purae, etc. Sylva jugerum paucorum, etc. fides certa segetis meae

beatior sorte, latet fulgentem imperio Africae fertilis. O verbo latet podia-se repetir tantas vezes quantas são as palavras que estão no nominativo, como tambem o regimen do verbo ελανθανε φιλος ὢν... Elle sendo amigo estava escondido; por dizer: não se sabia que elle era amigo.

C. Canius, eques Romanus, homo nec infacetus, et satis literatus, cum se Syracusas otiandi causâ, non negotiandi, ut ipse dicere solebat, contulisset, dictitabat, se hortulos aliquos velle emere quo invitare amicos, et ubi se oblectare sine interpellatoribus posset. Quod cum percrebuisset; Pythius ei quidam, qui argentariam faceret Syracusis, dixit, venales quidem se hortos non habere, sed licere uti Canio, si vellet ut suis: et simul ad caenam hominem in hortos invitavit in posterum diem. Cum ille promisisset, tum Pythius, qui esset, ut argentarius, apud omnes ordines gratiosus, piscatores ad se convocavit, et ab iis petivit, ut ante suos hortulos postridie piscarentur, dixitque, quid eos facere vellet. Ad caenam tempore venit Canius: oppiparè a Pythio apparatum convivium: cymbarum ante oculos multitudo. Pro se quisque, quod ceperat afferebat: ante pedes Pythii pisces abji-

CICERO DE OFFICIIS LIBR. III.

Traducção de Miguel Antonio Ciera.

CAio Canio Cavalleiro Romano, homem que tinha suas graças, e bastante conhecimento das letras, depois de ter aportado em Syracusa, não para negocio, mas para passar o tempo em ocio, como elle dizia, deo a entender que queria comprar huma quinta, para onde pudesse convidar seus amigos, e divertir-se nella á sua vontade, e sem disturbios: o que sendo divulgado, foi ter com elle hum banqueiro público, chamado Pythio, o qual lhe offereceo huma quinta, que tinha, para que quizesse servir-se della como se fora sua, declarando que não a queria vender, e juntamente o convidou, para que no dia seguinte fosse jantar na quinta com elle. Canio acceitou o convite, e prometteo de lá ir a jantar. Pythio, que por causa do seu emprego era bem quisto de todo o genero de pessoas, ajuntou hum grande número de pescadores, e lhes pedio fossem pescar no dia seguinte diante da sua quinta, e os instruio

ciebantur. Tum Canius, quaeso, inquit, quid est hoc, Pythi, tantumne piscium? tantumne cymbarum? et ille, quid mirum? inquit: hoc loco est, Syracusis quidquid est piscium: hîc aquatio: hac villà isti carere non possunt. Incensus Canius cupiditate contendit a Pythio, ut venderet. Gravatè ille primo. Quid multa? impetrat. Emit homo cupidus et locuples, tanti, quanti Pythius voluit, et emit instructos: nomina facit: negotium conficit: invitat Canius posterâ die familiares suos: venit ipse mature: scapham nullam videt: quaerit ex proximo vicino, num feriae quaedam piscatorum essent, quod eos nullos videret. Nullae, quod sciam, inquit ille: sed hic piscari nulli solent: itaque heri mirabar, quid accidisset. Stomachari Canius: sed quid faceret.

sobre o que queria que elles fizessem. Chegou Canio na hora estabelecida. O jantar foi magnifico, e a quantidade de embarcações que apparecêrão foi sem número. Não houve pescador, que não trouxesse tudo o que pôde apanhar, e não baldeasse o peixe aos pés de Pythio. Que he isto? (Disse Canio, virando-se para Pythio) que he isso? Tanto peixe aqui? tantas embarcações? Não ha que estranhar, (respondeo elle) todo o peixe, que ha em Syracusa, se acha neste lugar: aqui se faz provisão d'agua, e estes homens não podem deixar de vir ter a este sitio. Canio ficou namorado da quinta, e pedio com muitos rogos a Pythio lha quizesse vender. Este no principio fez como quem não queria: finalmente, por não dizer tudo o que se passou entre ambos, Canio alcançou o que desejava, e por ser homem rico, e fazer grande gosto na quinta, se resolve a compralla com todos os preparos, e ornatos, que tinha, pelo preço que o outro quiz: e logo lavrou o instrumento, e acabou o contrato. No dia seguinte convida aos seus amigos: elle mesmo he o primeiro que lá chega: não vê barco algum: pergunta ao visinho se naquelle dia os pescadores tinhão férias, pois senão vião apparecer. Não sei que haja taes férias (res-

pondeo elle) mas aqui ninguem costuma pescar, e bem me admirei hontem da novidade que houve. Canio agastou-se fortemente, mas que remedio tinha.

Ha pouco que dizer á esta traducção; com tudo não he irreprehensivel; alguns córtes dados na phrase Latina concorrerião á ligeireza do estilo, e lhe darião a rapidez, e a viveza que convém á narração historica. Póde-se comparar com a seguinte.

Hum Cavalleiro Romano, Canio, homem engraçado, e erudito, foi passar alguns dias a Syracusa, sem outro fim, dizia elle, que de se divertir. Alli fallava muitas vezes em comprar huma pequena quinta, aonde longe de toda a qualidade de séccas, podesse receber seus amigos, e gozar de sua companhia. Correo esta voz, e hum chamado Pythio, banqueiro, lhe foi dizer que tinha huma fazenda, não para vender, mas de que poderia servir-se livremente. Ao mesmo tempo o convida a ir lá jantar no dia seguinte: Canio acceita o convite. Pythio, que em razão de sua caixa tinha muitos amigos, ajuntou os pescadores para lhes pedir que fossem no dia seguinte pescar defronte da sua fazenda,

e lhes deo as suas ordens com toda a miudeza. Canio achou-se em ponto; o jantar foi grandioso, além do espectaculo d'hum sem número de barcos, que todos vinhão, qual primeiro, trazer o peixe que apanhárão, e deita-lo aos pés de Pythio. Oh! que he isso, disse Canio? todo esse peixe! tantos barcos? Não ha que admirar, replicou Pythio. Todo o peixe de Syracusa está aqui. Este he o unico sitio aonde ha agua. Senão fosse este lugar; os pescadores não terião para onde ir. Eis-que Canio não póde já resistir ao desejo de fazer a sua compra. O banqueiro diz logo que não vende, por fim, diz que sim. Canio encantado do que víra, e não attendendo ao preço, compra casas e trastes, dá o que o dono pede, e passa acto. Concluido o negocio, convida seus amigos para o dia seguinte; e o primeiro que chega he elle. Nada de barcos; pergunta ao visinho se os pescadores estavão de férias? Não, que eu saiba, responde o visinho; mas aqui ninguem vem pescar, e por isso fiquei pasmado do que vi hontem. Canio ardeo; mas que remedio tinha?

P. cum statuisset omni scelere in praetura vexare rempublicam, videretque ità tracta esse comitia anno superiore, ut non multos menses praeturam gerere posset: qui non honoris gradum spectaret, ut caeteri, sed et Paulum Collegam effugere vellet singulari virtute civem, et annum integrum ad dilacerandam rempublicam quaereret: subitò reliquit annum suum, seque in annum proximum transtulit, non, ut fit, religione aliquâ, sed ut haberet, quod ipse dicebat, ad praeturam gerendam, hoc est, ad evertendam rempublicam, plenum annum, atque integrum.

Occurrebat ei mancam ac debilem praeturam suam futuram Consule Milone: eum porrò summo consensu populi Romani Consulem fieri videbat: contulit se ad ejus competitores; sed ità, to-

NARRAÇÃO ORATORIA.

Traducção do P. Antonio Joaquim.

TEndo P. Clodio assentado em vexar a Republica em todo o tempo da sua pretoria, fazendo-lhe todo o mal que pudesse, e vendo que as eleições dos Comicios para a eleição dos Magistrados, no anno passado se havião dilatado tanto, que não podia gozar muitos mezes da dignidade de Pretor: como quem não attendia, como os mais á honra que este cargo dá a quem o occupa; mas como quem se queria livrar de ter por Collega a L. Paulo, Cidadão de raro merecimento; deixou passar o seu anno, e fez por se introduzir no seguinte; portando-se assim não por algum escrupulo, mas por ter anno inteiro e completo, como elle mesmo dizia, para gozar da Pretoria, isto he, para destruir a Republica. Lembrava-lhe que a sua pretoria seria manca e fraca sendo Consul Milão: vio que todo o povo Romano unanimente a huma voz o fazia Consul: poz-se da parte de seus competidores;

tam ut petitionem ipse solus, etiam invitis illis, gubernaret; tota ut comitia suis, ut dictitabat, humeris sustineret: convocabat tribus: se interponebat: coloniam novam, delectu perditissimorum civium, conscribebat. Quanto ille plura miscebat, tantò hic magis in dies convalescebat. Ubi vidit homo, ad omne facinus paratissimus, fortissimum virum, inimicissimum suum, certissimum Consulem, idque intellexit non solùm sermonibus, sed etiam suffragiis populi Romani saepe esse declaratum; palam agere caepit, apertè dicere, occidendum Milonem.

Servos agrestes et barbaros, quibus silvas publicas depopulatus erat, Etruriamque vexarat, ex Apennino duxerat, quos videbatis: res erat minimè obscura: etenim palam dictitabat, Consulatum Miloni eripi non posse, vitam posse: significavit hoc saepe in Senatu; dixit in concione: quin etiam Favonio, fortissimo viro, quaerenti ex eo quâ spe fureret, Milone vivo, respondit, triduò illum, ad summum quatriduò, pe-

mas de sorte, que, segundo a sua mesma expressão, sustentava em seus hombros todo o pezo dos Comicios: elle convocava as Tribus, elle se intromettia em tudo, elle formava nova Colonia de pessimos Cidadãos. Mas quanto elle mais procurava confundir tudo, tanto Milão se estabelecia cada vez mais. Vendo pois este malvado, sempre prompto para qualquer desatino, que infallivelmente sahia Consul hum homem de summa constancia, e seu inimigo: e sabendo-o não só pelo que se dizia nas assembléas, mas pelos votos do povo Romano, que muitas vezes o tinha aclamado, entrou a tirar a mascara, e a dizer abertamente, que Milão devia ser morto. Tinha feito baixar do monte Apenino os escravos rusticos, e barbaros, que aqui vistes; com que destruio as matas públicas, e vexou a Toscana. Nada tinha isto d'encuberto. Elle mesmo dizia em público, que o Consulado senão podia tirar a Milão, a vida sim: não poucas vezes o deo a entender no Senado, disse-o nas assembléas, e tambem a Favonio, homem de valor, o qual perguntando-lhe que esperança o animava em seus furores, sendo vivo Milão? Respondeo, que dentro de tres, ou quatro dias, quando muito, morreria, cujo dito passou logo Fa-

riturum: quam vocem ejus ad hunc M. Catonem statim Favonius detulit.

Interim quum sciret Clodius (neque enim erat difficile scire) iter solemne, legitimum, necessarium, ante diem XIII. Kalendas Feb. Miloni esse Lanuvium ad flaminem prodendum, quod erat dictator Lanuvii Milo; Româ subitò ipse profectus pridie est, ut ante suum fundum (quod re intellectum est) Miloni insidias collocaret: atque ità profectus est ut concionem turbulentam, in quâ ejus furor desideratus est, quae illo ipso die habita est, relinqueret; quam nisi obire facinoris locum tempusque voluisset, numquam reliquisset.

Milo autem, quum in Senatu fuisset eo die, quoad Senatus dimissus est, domum venit: calceos et vestimenta mutavit: paulisper, dum se uxor, ut fit, comparat, commoratus est: deinde profectus est id temporis, quum jam Clodius, si quidem eo die Romam venturus erat, redire potuisset. Obviam fit ei Clodius expeditus, in equo, nullâ rhedâ, nullis impedimentis, nullis Graecis comitibus, ut solebat; sine uxore, quod nunquam ferè: quum hic insidiator, qui iter illud ad caedem faciendam apparas-

vonio a M. Catão, que aqui está presente.

Neste meio tempo sabendo Clodio (nem era difficultoso sabello) que Milão, que era Dictador de Lanuvio, havia de ir a esta Cidade, em razão de seu cargo, a dezoito de Janeiro, para nomear hum Pontifice, partio arrebatadamente de Roma no dia antecedente, para defronte da sua quinta (o que bem mostrou o successo) fazer emboscada a Milão. Por tal modo sahio, que até deixou hum sedicioso Congresso, que houve naquelle mesmo dia, onde o seu furor era bem necessario, o qual elle nunca deixaria senão quizesse buscar lugar, e tempo para o delicto. Milão porém tendo estado aquelle dia no Senado, até que este se despedio, veio para casa: mudou de calçado, e vestido, demorou-se hum pouco, em quanto sua mulher se ataviava (como costuma succeder) e depois partio, a tempo que já Clodio pudera voltar, se houvesse de vir naquelle dia para Roma. Affronta-se com elle Clodio, expedito, a cavallo, sem carroça, nem embaraço algum, nem a comitiva de Gregos, que costumava, sem sua mulher, o que quasi nunca succedia. Este traidor Milão, que tinha tramado aquella jornada para cometter o homicidio,

set, cum uxore veheretur in rhedâ, penulatus, magno impeditus muliebri ac delicato ancillarum, puerorumque comitatu.

Fit obviam Clodio ante fundum ejus horâ ferè undecimâ, aut non multò secùs: statim complures cum telis in hunc faciunt de loco superiore impetum: adversi rhedarium occidunt. Quum autem hic de rhedâ, rejectâ penulâ, desiluisset, seque acri animo defenderet; illi, qui erant cum Clodio, gladiis eductis, partim recurrere ad rhedam, ut a tergo Milonem adorirentur; partim, quod hunc jam interfectum putarent caedere incipiunt ejus servos, qui post erant: ex quibus, qui animo fideli in dominum et presenti fuerunt, partim occisi sunt, partim, quum ad rhedam pugnari viderent, et dominum succurrere prohiberentur, Milonemque occisum etiam ex ipso Clodio audirent, et ita esse putarent; fecerunt id servi Milonis (dicam enim non derivandi criminis causâ, sed ut factum est) neque imperante, neque sciente, neque praesente domino, quod suos quisque servos in tali re facere voluisset.

indo com sua mulher, em huma carroça, de capote de chuva, com grande estorvo de povo, e comitiva de gente feminina, de criados e meninos se encontrou com Clodio diante da sua quinta, quasi ás cinco horas da tarde pouco mais ou menos. Arremettem de improviso muitos a Milão com armas, de lugar eminente, e os que estavão diante lhe matão o cocheiro: saltou elle fóra da carroça; e lançando de si a capa, se entrou a defender com valor; os do partido de Clodio huns entrárão a correr para a carroça acomettendo a Milão pelas costas: outros crendo que elle era morto, lhe ferem os servos que hião na trazeira, dos quaes os de animo mais resoluto, e leal a seu senhor, huns forão mortos, outros vendo que se pelejava junto á carroça, e não podendo acudir ao senhor, e ouvindo tambem dizer a Clodio que Milão era morto, persuadindo-se ser isto verdade, fizerão os servos de Milão (o que digo sem desfigurar o delicto; mas como succedeo na realidade) sem elle o saber, nem mandar, nem estar presente, aquillo que cada hum quizera que seus servos executassem em semelhante occasião.

A mesma narração Oratoria.

TEndo Clodio fixamente tomado a resolução de assignalar a sua pretoria alagando o Estado com hum diluvio d'estragos, mas vendo que a longa demora dos Comicios no anno passado não lhe deixaria senão poucos mezes para exercer o seu cargo, e não olhando para a honra, alvo dos que aspirão aos empregos públicos, querendo só fugir de ter por Collega hum homem de merecimento transcendente, qual he L. Paulo, para ter hum anno todo que dar á execução dos projectos de destruição que meditára, deixou de repente passar aquella occasião, reservando-se para o anno seguinte, não por motivo religioso, como a outros succede, mas sim para ter, como elle mesmo dizia, hum anno todo livre no exercicio da pretoria, em outros termos, no transtorno da Republica. De huma parte não podia dissimular a si mesmo que debaixo do Consulado de Milão elle estaria sem mãos, ou com mãos prezas, para realizar a pretoria que tinha ideado, d'outra, via que Milão reunia todos os suffragios para ser Consul;

que fez? foi ter com os concurrentes, e tal foi o geito com que se houve o intrigante que, os Candidatos, por mais que quizessem, não davão hum passo sem sua ordem; elle se gabava de ter nos hombros todo o pezo dos Comicios, e com effeito quem ajuntava as Tribus era Clodio, em tudo se entremettia, tomava a rol todos os malvados para delles formar huma Colonia. Porém todas essas intrigas não produzião outro effeito que de grangear cada vez maiores créditos a Milão. Vendo pois aquelle scelerado, a quem nunca houve crime que custasse, que o Consulado ficaria seguro a hum homem dotado de raro valor, mas inimigo seu, e isso via elle, porque não se fallava em outra coisa, e o povo Romano o designára muitas vezes pelos seus suffragios, tirou a mascara, disse a quem o quiz ouvir, que era preciso matar a Milão.

Vós vistes por cá huns escravos bravios, e barbaros, que lhe servirão para abater os bosques públicos, e atalar a Etruria; quem os fez descer dos Montes Apeninos foi elle, he coisa sabida por todos, como tambem o dizer que, se se não podia tirar o Consulado a Milão, poder-se-hia tirar-lhe a vida; isto deo elle a entender muitas vezes no Senado,

disse-o em público, e em particular á Favonio, homem honrado, sendo perguntado por este a que fim se encaminhava aquelle systema de desastres públicos, em quanto vivesse Milão, daqui a tres, ao mais tardar, quatro dias, respondeo, morrêra; aqui está presente M. Catão a quem Favonio deo logo parte do que ouvíra.

Nesse meio tempo, Clodio sabedor de que sendo Milão Dictador de Lanuvio, elle teria que ir indispensavelmente para lá com o estado proprio de sua qualidade, treze dias antes das Kalendas de Fevereiro, para nomear hum Pontifice, jornada annunciada pelos preparos; eis-que de repente parte de Roma justamente na vespera, para armar cilladas a Milão, como ao depois se vio; defronte de sua quinta, e he de notar que esta partida o privou d'assistir a huma assembléa sediciosa, sem supprir a sua presença por outro furioso como elle, assembléa esta, a que não faltaria senão fosse para escolher o lugar, e a hora de perpetrar o delicto.

Milão pelo contrario, foi nesse dia ao Senado, lá se deixou estar até o fim da Sessão, então veio para sua casa, mudou de çapatos, e de trage; teve que esperar que a senhora se aprompttasse,

te, quando partio, Clodio já poderia estar em Roma, se fizesse tenção de voltar naquelle dia. Sahe-lhe ao encontro Clodio, muito desembaraçado, montado a cavallo, sem carroça, sem trem algum, sem os Gregos, sua companhia ordinaria, sem sua mulher, caso bem raro, quando este assassino, que emprehendêra aquella jornada para fazer huma morte, estava dentro da carroça, com sua mulher á sua ilharga, embrulhado no seu capote, prezo por huma numerosa comitiva de cobardes, criados, mulheres, e criadas.

Serião onze horas quando topou com Clodio defronte da quinta deste; Milão se sente logo cuberto d'huma nuvem de dardos lançados d'huma elevação; os que se lhe apresentão pela frente, matão o cocheiro. Milão atira com o capote, salta fóra da carroça, e se defende valorosamente; a companhia de Clodio, com a espada na mão, reparte-se, huns correm á carroça para atacar Milão pelas costas, outros, cuidando que estava já morto, entrão ás pancadas aos criados que vinhão atrás; destes os mais fiéis e leaes ao seu Amo forão mortos, e outros vendo a peleja travada ao pé da carroça, sem poderem valer ao seu Amo, que julgavão já morto, pelo ou-

vir dizer a Clodio, fizerão, valha a verdade, não quero exagerar nem diminuir, sem ordem de Milão, sem Milão saber, fóra da vista de Milão, aquillo mesmo que cada hum de nós estimaria muito que no mesmo caso os seus fizessem.

FINIS.

INDICE.

ERRATAS.

Pag.	*Linh.*	*Erros.*	*Emendas.*
7	10	reposta	resposta.
8	22	reddre fidus interpes	reddere fidus. § Interpres.
9	26	vidi pronus	Vidi, pronus
ibid.	27	Caeli inter Lucida Cedro	caeli inter lucida, cedro
11	3	pauperum tabernas regumque	pauperum tabernas, § Regumque turres.
12	25	ou *grifo*	ou *redondo.*
13	16	procuraes	procurais.
21	11	innocuí è evaderent	innocuè evaderent.
23	12	Racine assim	ainsi que la vertu le crime a ses degrès.
30	26	occulorum	oculorum.
51	8	podragâ	podagrâ.
ibid.	9	porrigit haec	porrigit;
52	9	podraga	podagrâ.
53	16	dize	diz-se.
56	6	tyranus	tyrannus.
60	9	entre si devem	entre si,
63	27	apparecêrão	apparecerão.
64	ultim.	exigirão	exigirião.
68	10	pertimiscendos	pertimescendos.
92	3	geminatá victoriá	geminata victoria.
94	6	adultris	adulteris.
96	5	curam	cura.
ibid.	6	per horrui	perhorrui.
100	2	denege	deneges.
108	5	verbo	verbo,
126	7	morêra;	morrerá;

